



“PERDI-ME DENTRO DE MIM...”:
encontro com Mário de Sá-Carneiro em sala de aula

Gabriela Barros FERREIRA
Rafaela Dara SOUSA

Orientadora: Profa. Dra. Monica de Oliveira Faleiros

Resumo: Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo desenvolver o planejamento de atividades didático-pedagógicas sobre o poema “Dispersão”, do poeta modernista português Mário de Sá-Carneiro, que integra a obra homônima *Dispersão*, publicada em 1913, mas datada de 1914. As atividades propostas foram aplicadas no terceiro ano do Ensino Médio, da Escola Estadual Laura de Mello Franco, que se localiza em Franca/SP. Para podermos elaborar os procedimentos didático-pedagógicos e realizarmos a nossa pesquisa de campo, partimos de uma pesquisa de caráter bibliográfico sobre o autor Mário de Sá-Carneiro, em que destacamos os fatos relevantes de sua vida, bem como a sua relação de amizade com o poeta Fernando Pessoa, além de abordar as principais características e aspectos de suas obras e, especificadamente, a obra *Dispersão*, em que se insere o *corpus* deste trabalho. Também foi realizado um estudo sobre o Modernismo Português, que trata sobre o surgimento e maturação desse período literário e as vanguardas pertencentes a esse momento, entre as quais enfatizamos o Cubismo, o Interseccionismo, o Futurismo e o Sensacionismo. Em seguida, realizamos a apresentação da obra *Dispersão* e a análise do poema em que buscamos explicitar a inter-relação entre o texto “Trova”, de Francisco Sá de Miranda, e o poema “Dispersão”, de Mário de Sá-Carneiro. Após a realização dessa pesquisa bibliográfica, elaboramos atividades didático-pedagógicas sobre o texto “Dispersão”, divididas em duas etapas, sendo a primeira um processo de sensibilização para leitura de literatura e contextualização sobre o período literário, o autor e a obra, além de aplicar um primeiro questionário para avaliar essa primeira leitura dos alunos, antes das interferências analíticas. A segunda etapa contou com a leitura, discussão e análise do poema “Dispersão”, para que, posteriormente, os estudantes respondessem a um segundo questionário, o qual contou com questões de múltipla escolha e dissertativas sobre os aspectos formais e sobre o plano de conteúdo. Por meio das respostas obtidas através dos questionários, realizamos uma análise que nos revelou o nível de apreensão estrutural e semântica alcançado pelos alunos. Para atingirmos os objetivos propostos, utilizamos os conceitos de Reis (1990; 2003), Moisés (1985) e Saraiva e Lopes (2005) para tratar sobre o Modernismo Português. Além disso, nos baseamos nos estudos de Berardinelli (2005; 2015) e Moisés (1999; 2004) para falar da vida e obra do autor Mário de Sá-Carneiro e para a análise da obra *Dispersão* e do poema “Dispersão” partimos das ideias de Guelfi (s.d) e Paz (2012). E, ainda, para mostrar a inter-relação entre o poema de Sá-Carneiro e Sá de Miranda utilizamos Saraiva e Lopes (2005) e Moisés (1993). Na sequência, realizamos a pesquisa de campo, que contou com a participação de 16 alunos do terceiro ano do Ensino Médio, por meio da qual constatamos a necessidade de ensinar literatura na escola desde o Ensino Fundamental II, a fim de que os estudantes tenham maior preparo e subsídios para compreender a linguagem e a estrutura de textos literários, sobretudo os poéticos.

Palavras-chaves: “Dispersão”. Mário de Sá-Carneiro. Modernismo Português. Autoidentidade. Atividades didático-pedagógicas.

Abstract: This study aims to develop the planning of didactic-pedagogical activities about the poem “Dispersão” of the modernist Portuguese poet, Mário de Sá-Carneiro, integrating the work of the same name that is published in 1913, however it is dated of 1914. The proposed activities were applied in the third grade of high school Escola Estadual de Mello Franco, located in Franca/SP. To develop the didactic-pedagogical procedures and do our research, we did some bibliographical research about the author Mário de Sá-Carneiro which we emphasize the facts of his life, as well as his friendship with the poet Fernando Pessoa, in addition to tackle the main characteristics aspects of his works, specifically, the work, in the *corpus* of this work. It was also conducted a study about the Portuguese Modernism, which talks about the emergence and maturation of this literary period and the vanguards that belonging to this moment, which we emphasize Cubism, Futurism, Interseccionism and Sesationism. Then we performed the presentation of *Dispersão* and the analysis of the poem in which we seek to clarify the interrelation between the text “Trova”, of Francisco Sá de Miranda, and the poem “Dispersão”, of Mário de Sá-Carneiro. After the realization of this bibliographical research we elaborated a didactic-pedagogical activities about the text “Dispersão”, which was divided into two stages, the first being a process of awareness for reading literature and contextualization about the literary period, the author and the work, in addition we applied a first questionnaire, to evaluate a first reading, discussion and analysis of the students before the analytical interference. The second step, contained reading, discussion and analysis of the poem “Dispersão”, for which, later, students respond to a second questionnaire, which included multiple choice and open questions about the formal aspects and content plan. Through the answers obtained through the questionnaires we performed an analysis that revealed the structural and semantic comprehension level reached by students. To achieve the purposed objectives we use the concepts of Reis (1990; 2003), Moisés (1985) and Saraiva e Lopes (2005), to treat about Portuguese Modernism. In addition, we rely on studies of Berardinelli (2005; 2015) and Moisés (1999, 2004) about the life and work of author Mário de Sá-Carneiro and for analysis of the work and of the poem “Dispersão” we used the ideas of Guelfi (s.d.) and Paz (2012). To show the interrelation between the poem of Sá-Carneiro e Sá de Miranda we used the principles of Saraiva and Lopes (2005) and Moisés (1993). In sequence, we realized the filed research that contains with the participation of 16 students of the third grade of high school, through which we see the necessity to teach literature at school since elementary school, that students have greater preparation and subsidies to understand the language and the structure of literary texts, especially the poetic.

Key-words: “Dispersão”. Mário de Sá-Carneiro. Portuguese Modernism. Self identity. Didactic-pedagogical activities.

1 Introdução

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolver atividades didático-pedagógicas, a fim de trabalhar o poema “Dispersão”, de Mário de Sá-Carneiro, em sala de aula do terceiro ano do Ensino Médio, em uma escola da rede estadual localizada na cidade de Franca/SP, tendo como intuito sensibilizar os alunos para propiciar a realização de leitura e análise de poemas.

Optamos por analisar um texto deste autor por percebermos que ele é pouco ou nada conhecido pelos estudantes das escolas brasileiras e, também, pelo fato de que o *corpus* deste trabalho possui um tema relacionado à autodescoberta da identidade, algo muito comum durante a fase da adolescência.

Além disso, nos deparamos com alguns questionamentos sobre o atual ensino de literatura, visto que não há em escolas da rede pública uma disciplina específica para os estudos literários, o que pode acarretar uma quantidade escassa de tempo ou mesmo uma má distribuição de tempo para se trabalhar todos os conteúdos programados para o componente curricular de Língua Portuguesa, o qual inclui ensino de literatura, redação e língua.

Para atingirmos os objetivos propostos, foi necessário, primeiramente, realizarmos uma pesquisa bibliográfica sobre o Modernismo Português, em que partimos dos estudos e conceitos de Reis (1990; 2003), Moisés (1985) e Saraiva e Lopes (2005). Além disso, realizamos uma pesquisa sobre a vida e a obra do autor Mário de Sá-Carneiro, baseada nos estudos de Berardinelli (2005; 2015) e Moisés (1999; 2004).

Portanto, esse trabalho foi dividido em duas etapas, sendo que a primeira se constitui em um estudo bibliográfico e a segunda em uma pesquisa de campo. Dessa maneira, iniciamos com um capítulo que traz a pesquisa bibliográfica sobre o Modernismo em Portugal, em que se explicita o momento histórico e o contexto do surgimento e maturação do Modernismo Português. Além disso, abordamos a vida e obra do poeta Mário de Sá-Carneiro, explicando a relevância do autor e quais foram seus principais escritos, temas e contribuições para a literatura.

Na sequência, realizamos uma apresentação da obra *Dispersão* e análise do poema “Dispersão”, com base nos estudos de Guelfi (s.d.) e Paz (2012), a fim de mostrar quais as suas principais características tanto em relação ao plano de conteúdo quanto aos aspectos formais. Além disso, explicamos como se insere o

poema “Dispersão” dentro desse livro e, ainda, quais são os pontos confluentes e divergentes entre esse texto e os demais que compõem a obra.

Como parte da análise realizada, destacamos o diálogo existente entre o poema “Trova” de Francisco Sá de Miranda, e o poema “Dispersão”, de Mário de Sá-Carneiro, e para analisar a inter-relação entre os dois poetas, utilizamos as ideias de Saraiva e Lopes (2005) e Moisés (1993).

Em seguida, elaboramos um capítulo que trata do percurso do trabalho, desde sua elaboração até os procedimentos adotados para criar o planejamento das atividades didático-pedagógicas, que foram trabalhadas em sala de aula em duas etapas. Na primeira, houve um processo de sensibilização e contextualização sobre o Modernismo Português e suas principais características e tendências, em que explicitamos a presença das vanguardas modernas, com ênfase no Cubismo e no Futurismo.

Ainda nessa fase, falamos sobre a vida de Mário de Sá-Carneiro, destacando-se alguns detalhes, tais como a sua relação de amizade com o poeta Fernando Pessoa, e destacamos as principais características da obra Sá-Carneiriana. Apresentamos, na sequência, a obra *Dispersão*, explicando para os alunos a maneira que ela se insere no Modernismo Português e qual a sua importância para esse momento da literatura. Na sequência, entregamos aos alunos um questionário para avaliar uma primeira leitura do poema, antes de fazermos a intervenção analítica.

Na segunda etapa dessa atividade didático-pedagógica, foi realizada uma análise conjunta (professoras com a sala), do poema “Dispersão”, cujo objetivo foi, ao final, averiguar se conseguiam relacionar a construção formal à produção dos sentidos. Assim, foram respondidos pelos estudantes questionários que englobam questões de múltipla escolha e questões dissertativas sobre o poema.

O desenvolvimento e aplicação desse material didático-pedagógico teve como objetivo observar a capacidade dos estudantes de analisar a linguagem literária e os aspectos temáticos presentes nos textos que foram trabalhados em sala de aula, além de analisar o nível de apreensão dos alunos.

2 O modernismo em Portugal e a obra de Mário de Sá-Carneiro

2.1 Modernismo em Portugal

De acordo com Reis (2003), o Modernismo é um período de difícil caracterização devido, não só, à sua abrangência cronológica, mas, também, pela sua dispersão geo cultural e suas contradições internas, constituindo um conceito amplo. Dessa maneira, o Modernismo é o movimento de renovação do saber e da cultura e, em termos literários, tem um alcance muito abrangente.

Os modernistas são guiados por um “sentimento contemporâneo”, em que a história de sua atualidade é a fonte de significação, visto isso, observa-se que a modernidade é a nova consciência e condição do espírito humano, condição esta que a arte moderna explorou.

Tendo em vista esses aspectos mencionados, fixaremos alguns limites cronológicos do Modernismo português. Para Reis (2003), o surgimento e maturação do Modernismo estão relacionados com a relevância cultural assumida por algumas revistas e pelos autores que nela colaboravam. Entre essas publicações, uma das mais significativas foi a revista *Orpheu*, que teve dois números publicados em 1915.

Conforme Reis (1990), o grupo de artistas e poetas, conhecidos como geração do Orpheu, buscavam chocar, escandalizar e desestabilizar a massa “lepidóptera¹” para cumprir os seus “objetivos terroristas”. Assim, os órficos organizavam excentricidades capazes de agitar e renovar o país sério e estreito em que viviam, e, por esse motivo, os seus autores foram apelidados de loucos.

De acordo com Moisés, (2004), entre os autores que contribuíram com a revista de *Orpheu*, podemos citar Fernando Pessoa, um dos principais dessa geração, seguido por Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Pedro Guisado, Santa Rita Pintor, Armando Cortes-Rodrigues e Almada Negreiros.

Contudo, neste trabalho, focaremos em Sá-Carneiro e, em alguns momentos, em Pessoa, devido à sua representatividade dentro do Modernismo. Os dois poetas modernos tinham uma forte amizade e frequentemente trocavam correspondência que “constitui um imprescindível documento para o estudo da estética modernista portuguesa” (REIS, 1990, p.168). Desse modo, as cartas

¹ Expressão utilizada para se referir à diversidade.

trocadas, entre outubro de 1912 e abril de 1916, são, não só um importante testemunho da amizade entre os escritores, mas, também, uma fonte que viabilizou a definição e consolidação dos gostos estéticos e dos critérios que culminaram na década de 1920.

Como afirma Reis (1990), Fernando Pessoa foi o autor que teve mais destaque, do ponto de vista da iniciativa teórica do Modernismo e das forças que tentaram ultrapassar o inédito, isto é, foi a partir das ideias e obras desenvolvidas por esse autor que começaram a ser estabelecidos os critérios da tendência moderna e, ainda, temos que ressaltar que ele foi uma inspiração para muitos escritores.

Na mesma época, além de Pessoa, devemos mencionar a significância de Sá-Carneiro, pois tanto a publicação do primeiro livro de contos desse autor – *Princípio* – como a composição de *Dispersão* foram um marco simbólico inicial para Modernismo.

Para Reis (2003), os modernistas multiplicaram uma série de tendências que revelam certa crise ideológica do sujeito, a qual chega a assumir contornos de paroxismo ou provocação, sendo expressiva a capacidade inovadora e experimental desse período. Assim, surgem várias tendências como o Ultraísmo, o Criacionismo, o Imaginismo, o Vorticismo, o Construtivismo, o Expressionismo, o Futurismo, o Cubismo e o Interseccionismo – sendo que neste trabalho voltaremos nossa atenção para as duas últimas vanguardas.

O Interseccionismo português ilustra a preocupação dos poetas modernistas, que se voltavam para a percepção e representação do real, ambas em função do olhar e das sensações do indivíduo que se relaciona com essa realidade. Essa relação entre o homem, o espaço e o tempo é regida por um dinamismo que anuncia o tema fundamental do Modernismo: o da crise da unidade do sujeito.

Um dos mais sugestivos poemas que nos revela o Interseccionismo é o “Chuva Oblíqua” de Fernando Pessoa, devido ao fato de haver, simultaneamente, a presença do real e do imaginário, como podemos observar ao ler o fragmento a seguir:

Atravessa essa paisagem o meu sonho dum porto infinito
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra

Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...

O porto que sonho é sombrio e pálido
E esta paisagem é cheia de sol deste dia é porto sombrio
E os navios que são do porto são essas árvores ao sol... (PESSOA, 2005,
p. 81)

Nesse trecho do poema, observamos que, para o poeta, é possível olhar a paisagem atravessada/interseccionada pelo sonho. No entanto, o cenário imaginado não anula a paisagem real, pelo contrário, há a convivência simultânea entre ambas, isto é, o mundo exterior se mescla ao mundo interior.

Ainda de acordo com Reis (2003), o fato do Interseccionismo e, especificadamente, o poema “Chuva Oblíqua” ter sido relacionado ao Cubismo, revela o intenso diálogo cultural que caracterizou esse período literário, pois a pluralidade de “ismos” presentes no Modernismo determinam a interação de linguagens entre as artes plásticas, literatura, publicidade, cinema, etc., que interagem e se complementavam. Um exemplo disso é o poema intitulado “Manucure”, de Mário de Sá-Carneiro, o qual incorpora textos publicitários ao texto literário.

Devemos salientar, ainda, que a presença do Cubismo se projeta na literatura através da decomposição do modelo, isto é, o “que os cubistas realizam é intelectualizado pelos órficos, ou seja, ao ser transferido da pintura para a literatura, é recriada em termos que julgam ser [...] *não as coisas, mas as nossas sensações das coisas*” (REIS, 1990, p. 174). Essa é a vertente central dos sensacionistas, pois para eles a única realidade é a consciência das múltiplas sensações, que, nas pinturas, podem ser demonstradas através da presença das formas geométricas. Além disso, devemos ressaltar que essa vertente foi amplamente desenvolvida por Fernando Pessoa, principalmente, em seu heterônimo Álvaro de Campos, em que o Cubismo se relaciona com o Interseccionismo, que no plano literário resultou na invenção da heteronímia e, no caso de Mário de Sá-Carneiro, causou a fragmentação do ser.

Assim, Reis afirma que “a complexa e diversificada produção cultural que, nos inícios do século XX, se projeta sobre o Modernismo, condiciona indirectamente as suas linguagens artísticas e os seus temas dominantes” (REIS, 2003, p. 460-461), dessa maneira, não podemos ignorar, nesse contexto, a

relevância da psicanálise freudiana e da psicologia de William James, pois elas permitem o acesso profundo à psique humana e difundem o conceito de corrente de consciência, o que favorece a tematização literária de universos psicológicos complexos, instáveis e passageiros. Portanto, notamos que “o Modernismo incorpora e potencia valores que estimulam a reinterpretação da pessoa feita personagem” (REIS, 2003, p. 461).

Desse modo, para compreendermos a diversificada produção dessa época, temos que compreender os valores e atitudes dos poetas da geração de Orpheu, os quais, de acordo com Reis (1990), tinham um desejo de universalidade, que impunha a superação das fronteiras portuguesas, ao mesmo tempo que almejava uma ruptura com a literatura do passado, além disso, havia a exigência da originalidade, misturados a um patriotismo especial.

Assim, o Modernismo representava uma importante afirmação transnacionalista que continha um aspecto “futurante”, renovador e agressivo, em que se reivindicava a renovação da literatura nacional através de um novo espírito liberto de qualquer sentimento de inferioridade em relação ao estrangeiro. Por esse motivo, a estética desse período era acessível a tudo que se mostrava diferente e exótico, em que a única regra era a experiência da pluralidade.

Em suma, os órficos buscavam a libertação do ser e do artista e foram responsáveis por consolidar os valores e atitudes da modernidade, em que se procuravam novos padrões para a civilização em curso e, nesse sentido, “o Modernismo procede a uma espécie de reinvenção da linguagem ao nível da forma da expressão” (REIS, 2003, p. 469).

2.2 O poeta enquanto pessoa

Conforme Moisés (1999), Mário de Sá-Carneiro nasceu no dia 19 de maio de 1890 em Lisboa, era filho único e perdeu sua mãe aos dois anos de idade. Foi criado por uma ama, pois tinha uma relação distante com seu pai e sua avó paterna. Ao decorrer dos anos, o escritor mostrou, através de sua poesia, uma aparente dor e revolta, talvez justificada por isso.

De acordo com Berardinelli (2015), quando adulto, o poeta mudou-se para Paris, com intuito de estudar na faculdade de Direito, pois era vontade de seu

pai que se tornasse um advogado bem-sucedido e, por isso, o pai o ajudava financeiramente. Um pouco mais tarde, Sá-Carneiro troca a faculdade por uma vida boêmia, dedicada integralmente à sua literatura.

Ainda, com base nessa estudiosa, a princípio, o escritor se considerava apenas como um prosador, mas através de seu amigo, e também escritor modernista, Fernando Pessoa, descobriu que era também um grande poeta, pois, de acordo com Reis (1990), o autor seguiu sugestões e conselhos de seu amigo, deixando sua obra com um aspecto de originalidade. Apesar da influência de Pessoa na vida e carreira de Sá-Carneiro, a poética desses dois autores é de natureza distinta.

De acordo com os estudos de Moisés (2004), Mário de Sá-Carneiro descreveu um percurso oposto ao do amigo Pessoa, pois ao invés de “multiplicar-se como fez o outro, dispersou-se no labirinto do próprio eu e acabou por desintegrar-se e desintegrá-lo” (p. 465); esse aspecto conduziu o poeta para a fragmentação do *ego*, o que pode ser visto nos poemas presentes na obra *Dispersão*.

Ainda conforme esse estudioso, na lírica de Sá-Carneiro, o racionalismo não tem grande presença, deixando a emoção reinar, o que o encaminhou para os profundos abismos do “eu”, em que mergulhou quando ainda era adolescente resultando, no plano civil, em suicídio, entretanto, no plano literário, sua poesia é como raras em Língua Portuguesa, pois proporcionou novos horizontes ao lirismo português, dotando-o de temas e fórmulas expressivas, as quais fizeram dele um grande alquimista verbal moderno.

Anos depois, de regresso a Paris, uma crise financeira afetou seu pai e, conseqüentemente, a ele também e, por esse motivo, ele teve que deixar Paris e retornar à sua cidade natal, Lisboa. Após retornar a Lisboa, o escritor entrou em uma profunda depressão e passou a ter uma instabilidade emocional, que o arrastou ao suicídio, no dia 26 de abril de 1916.

Como afirma Moisés (1999), o poeta iniciou sua trajetória na literatura com a peça de teatro *Amizade e Princípio*, que foi escrita em parceria com o colega Tomás Cabreira Jr., o qual se matou no ano seguinte. Entre os vinte e vinte e dois anos, lançou um volume de contos considerado como sua obra juvenil, dividida em quatro partes. Posteriormente, ele escreveu as narrativas *A confissão de Lúcio* e *Céu*

em fogo, ambas foram escritas na sua fase adulta, e revelam um amadurecimento do poeta.

De acordo com Saraiva e Lopes (2005), o poeta modernista deixou entrever, em suas obras, as crises que vivenciou com sua própria personalidade, porém não era possível devido a perda da sua própria identidade e o reflexo disso na obsessão egocêntrica:

Os poemas empenham-se, sobretudo, em pesquisar indícios de um *oiro* perdido de plenitude. Há uma exuberância de imagens em que se traduzem, por vezes, as dimensões de uma alma intensamente vibrátil, capaz de multiplicar-se e identificar-se com as coisas e as pessoas; mas se são sensíveis as limitações de uma megalomania egolátrica: a primeira pessoa verbal e pronominal torna-se obsessiva, a tortura das construções e metáforas, a acumulação orgiástica de sinestésias tem esforços falhados e o esgotamento narcísico de qualquer simpatia irradiante."(SARAIVA E LOPES, 2005, p.996).

Dessa forma, o eu-poético se perde dentro de si mesmo, passando a vivenciar uma crise existencial, que é expressa em suas obras, especialmente, nos poemas de *Dispersão*, que será apresentado no capítulo seguinte.

Ainda é interessante ressaltar que em Sá-Carneiro não é possível separar totalmente obra e vida, pois é através do eu-lírico, que o poeta expressa seus sentimentos e angústias, como um desabafo. Assim, a poesia se tornou uma representação de seus sentimentos e, também, espécie de "amigo/confidente" do seu interior, por meio de que ele desnudava o que se passava em sua alma.

Como já dissemos, Mário de Sá-Carneiro escreveu várias narrativas, contos e peças, mas, de acordo com Moisés (1975), o autor é considerado um poeta, pois é por meio de sua poesia que ele consegue transpor, como já mencionado, através do eu-lírico, os seus sentimentos e conflitos internos:

Poeta sempre, poeta na totalidade da sua obra, Mário de Sá-Carneiro tinha plena consciência de que as várias facetas do seu universo poético determinavam o emprego de adequado e específico instrumental linguístico. Pondo-se de parte o teatro, a atividade ocasional na sua carreira, sobressai a poesia (em versos), que se enfeixa no volume *Poesias*, e a poesia (em prosa) de *Céu e Fogo*. As duas configurações expressivas radicam numa peculiar visão do mundo: o "eu" é o palco onde se desenrola a batalha da elucidação do fenômeno existencial, do "estar-aqui", ou o palanque de onde se descortina a equivalente guerra que os "eus" alheios travam no desvelamento da realidade circundante e inscrita imageticamente no seu mundo interior (MOISÉS, 1975, p. 166).

A partir dessa passagem, percebemos que esse crítico menciona a existência de um conflito interior expresso pelo poeta, em que o "eu" é, ao mesmo tempo, espectador e ator, ele ainda diz que, esse embate se revela na poesia de Sá-Carneiro, o que podemos constatar ao ler o poema “Dispersão”.

Portanto, para Mário de Sá-Carneiro, a atividade literária não era uma mera profissão e nem um simples instrumento de distração, mas sim o ideal de sua vida, o qual colocava acima de tudo. Assim, no capítulo seguinte, apresentaremos o *Dispersão* e, posteriormente, faremos a análise do *corpus* deste trabalho, que é o poema “Dispersão”.

3 Análise do poema

3.1 A obra *Dispersão*

Dentre as obras escritas por Mário de Sá-Carneiro, escolhemos trabalhar com o livro *Dispersão*, que é composto por doze poemas, entre eles, o *corpus* da nossa pesquisa, o poema “Dispersão”.

O que chamou a nossa atenção, ao lermos essa obra, foi o fato de que, apesar de todos os poemas tratarem de um tema confluyente (o autoconhecimento, revelando os sentimentos interiores do poeta, por meio do eu-lírico), em relação ao aspecto formal, eles possuem algumas distinções, conforme a organização métrica e de rimas como veremos a seguir.

O primeiro texto da obra é o poema “Partida”, em que o título já nos revela o desejo do eu-lírico de fugir de sua realidade o que é confirmado pelos versos: “Afronta-me um desejo de fugir/ Ao mistério que é meu e me seduz.” (SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 4), contudo ele não pode realizar os seus desejos, isto é, ele está preso nos seus próprios sentimentos. Notamos, também, que o sujeito lírico expõe seus estados de alma através das cores, como o azul e o roxo, que nos indicam uma certa melancolia, e o dourado que remete às coisas preciosas:

Miragem roxa de nimbado em canto –
Sinto os meus olhos a volver-se em espaço!
[...]
Sou chuva de ouro e sou espasmo de luz;
Sou taça de cristal lançada ao mar,

[...]
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 5)

Pensando no aspecto formal desse texto, percebemos que ele é escrito em quadras, exceto pela décima terceira estrofe, que possui apenas dois versos, representados por reticências, também destacamos que este poema não segue uma regularidade na estrutura dos versos, contudo a organização de rimas está oscilando em ABBA e ABAB.

O segundo poema, “Escavação”, nos mostra que o eu-lírico está à procura de seu próprio ser, que já está morto dentro si e, por esse motivo, tenta "escavar" a sua alma na busca incessante de se encontrar, o que, ao final, não consegue atingir:

Numa ânsia de ter alguma cousa,
Divago por mim mesmo a procurar,
Desço-me todo, em vão, sem nada achar,
E minh'alma perdida não repousa.
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 6)

Esse texto nos remete, inicialmente, a um soneto, visto que possui dois quartetos e um terceto, no entanto, o que rompe com a estrutura formal do soneto é a utilização de uma pausa marcada por reticências em uma estrofe que conta com apenas dois versos representados por reticências, que rompe com a regularidade estrutural dos versos, mesmo que a maioria se apresente como decassílabos. As rimas organizam-se nos quartetos em ABBA e nos tercetos em CCD.

No terceiro texto, "Inter-sonho", o eu-lírico nos revela algo contraditório: seu pesadelo "bom", pois se é um pesadelo certamente não é algo agradável, contudo para o sujeito lírico o simples fato de conseguir sonhar já se torna algo "prazeroso". Além disso, revela a sua grande tristeza através do delírio de todas as cores e, principalmente, da cor roxa, enfatizando a sua profunda desilusão pela vida:

Que pesadelo tão bom
.....
Pressinto um grande intervalo,
Deliro todas as cores,
Vivo em roxo e morro em som...
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.7)

Nesse poema não há regularidade em relação às estrofes, no entanto, os versos são redondilhos maiores e, além disso, em quatro versos o autor utiliza reticências para expressar uma pausa. Em relação ao esquema de rimas, notamos que apenas no primeiro verso, que é um quarteto, há um padrão, e as rimas organizam-se em ABBA.

No quarto poema, “Álcool”, o eu-lírico está em um profundo delírio sobre o seu próprio ser, como se estivesse embriagado, notamos mais uma vez a presença das cores, como o roxo e o amarelo, que simbolizam a tristeza e angústia do eu-poético: “[...] Volteiam-me crepúsculos amarelos,/Mordidos, doentios e roxidão.” (SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 8)

Ainda pensando no título, percebemos que o nome Álcool nos induz a pensar em embriaguez como um aspecto físico, porém no poema a embriaguez se trata de algo psicológico relacionado à alma:

Nem ópio, nem morfina. O que me ardeu,
Foi álcool mais raro e penetrante:
É só de mim que ando delirante –
Manhã tão forte que me anoiteceu.
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 8)

Em relação à organização do aspecto formal, notamos que as estrofes são quadras, contudo as estrofes não seguem uma regularidade estrutural. As rimas são alternadas em ABBA e ABAB.

No quinto texto, “Vontade de dormir”, o sujeito lírico fala sobre a sua vontade de dormir e se “ancorar”, o que está representando a vontade de morrer, visto que ele não consegue e o sono, neste poema, é uma imagem que se refere ao descanso eterno:

.....
– Ai que saudades da morte...
.....
Quero dormir... Ancorar...
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.9)

O texto possui regularidade na organização das estrofes, porém os versos são redondilhos maiores não seguem um esquema de rimas. Também, percebemos o uso de reticências para indicar pausas.

No sexto poema, “Dispersão”, o eu-poético está perdido no labirinto do seu próprio ser, ou seja, aqui ele entra em uma profunda dispersão não encontrando a significância de sua própria existência. Em relação ao aspecto formal, destacamos que ele possui versos e estrofes regulares, pois ele é organizado inteiramente em quadras e versos redondilhos maiores, com as rimas alternando em ABBA e ABAB. Por se tratar do *corpus* de nosso trabalho, este poema será analisado minuciosamente na sequência deste capítulo.

No sétimo texto, “Estátua falsa”, o eu-lírico vive como se fosse uma estátua, pois tudo que é vivo nele é falso e a vida lhe parece uma guerra, a qual foi desencadeada devido à incapacidade de vivenciar o hoje, fazendo com que esteja prestes a desabar. Assim, para o sujeito poético, a maior batalha é conquistar a sua própria morte:

[...]

A vida corre sobre mim em guerra,
E nem sequer um arrepio de medo!

Sou estrela ébria que perdeu os céus,
Sereia louca que deixou o mar;
Sou templo prestes a ruir sem deus,
Estátua falsa ainda erguida no ar....
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 13)

Esse poema é estruturado em quadras, com rimas alternando em ABBA e ABAB e os versos são livres.

No oitavo poema, “Quase”, o eu-poético nos revela que toda sua vida foi feita de "quases", regida por melancolias que são representadas pela cor azul. Portanto, por mais que o eu-lírico desejasse realizar suas conquistas, ele nunca conseguiu alcançá-las, o que o levou para o desencanto de viver:

Num ímpeto difuso de quebranto,
Tudo encetei e nada possuí...
Hoje, de mim só resta o desencanto
Das coisas que beijei mas não vivi...

[...]

Um pouco mais de sol – e fora brasa,
Um pouco mais de azul – e fora além
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.14)

Esse texto segue uma estrutura rígida em que os versos são decassílabos e as estrofes são quadras com rimas que se alternam em ABBA e ABAB. Contudo, neste poema, há a presença de uma estrofe representada por reticências, o que nos indica uma pausa.

No nono texto, “Como eu não possuo”, o eu-lírico nos mostra que todos possuem algo, com valor sentimental ou material, no entanto ele possui só suas ânsias, e nem as suas dores podem ser sentidas por si mesmo:

Olho em volta de mim. Todos possuem
Um afecto, um sorriso, ou um abraço.
Só para mim as ânsias se diluem
E não possuo mesmo quando enlaço.
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 15)

Percebemos, ainda, a presença do adjetivo “ruivo”, que nos indica o desejo da sexualidade que o eu-lírico sentia, porém não era capaz de realizar. Assim, como o poema anterior, o “Como eu não possuo” é organizado em quadras, com a maioria dos versos escritos em decassílabos e as rimas variam entre ABBA e ABAB.

No décimo poema, “Além-tédio”, o eu-poético é a vítima de sua fatalidade, pois nem a tristeza o entristece mais de tão profunda que é a dor de seu tédio, que o faz pensar na morte, pois sente-se seco e endurecido:

Nada me inspira já, nada me vive –
Nem a tristeza nem as horas belas.
De as não ter e de nunca vir a tê-las,
Fartam-me até as coisas que não tive.
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 17)

Esse texto também é organizado em quadras, com versos decassílabos e rimas alternadas em ABBA e ABAB.

No décimo primeiro texto, “Rodopio”, o eu-lírico está em um profundo delírio emocional, em que todos os seus sentimentos, angústias, ânsias e desejos se misturam de uma forma circular que nos remete a um rodopio, assim como título, portanto, ao longo da construção do poema, tece uma espiral para projetar a imagem de ida e volta que causa a tontura devido ao movimento de rodopiar:

Volteiam dentro de mim,

Em rodopio, em novelos,
Milagres, uivos, castelos,
Focas de luz, pesadelos,
Altas torres de marfim.
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 18)

Esse texto é composto por quintetos, com versos heptassílabos (rendondilhos maiores) e as rimas organizadas em ABBBA.

No décimo segundo e último poema desta obra temos, “A queda”, o eu-poético nos revela que não conseguiu vencer a batalha contra si mesmo, mostrando que não é capaz de viver mais, pois segue inapto em alcançar seus desejos, representados pela imagem do ouro, por isso ele tomba e fica esmagado pelo seu próprio ser:

Não me pude vencer, mas posso-me esmagar,

– Vencer às vezes é o mesmo que tombar –
E como inda sou luz, num grande retrocesso,
Em raivas ideias, ascendo até o fim:
Olho do alto o gelo, ao gelo me arremesso...

.....
Tombei...

E fico só esmagado sobre mim!...
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 20)

Nesse texto há a presença de versos livres, as estrofes são apresentadas inicialmente como quartetos, sendo que a quarta estrofe é um sexteto e a última possui apenas dois versos, as rimas são regulares nos três quartetos do poema, em que se alternam em ABBA e ABAB.

Ao lermos toda essa obra, constatamos que o título de cada um dos poemas nos revela seu tema central, percebe-se a confluência de temas, portanto, há uma relação de sentido entre todos os poemas dessa obra, visto que, em todos os textos são desenvolvidos a questão da busca interior caminhando para a dispersão do ser, cujo “clímax” se dá no poema “Dispersão”. No entanto, cada poema possui traços específicos, tais como a presença de angústia, morte e a disparidade do eu e do outro, mostrando que o sujeito lírico, pouco a pouco, vai perdendo a sua própria identidade, o que o leva ao ápice do processo de desaparecimento/extração, que é caracterizado metaforicamente como um processo de dispersão gradativa do eu interior.

Ainda notamos outro aspecto recorrente nessa obra, que é a presença das cores e, de acordo com Berardinelli (2015), cada uma possui um significado, sendo recorrente o aparecimento do azul, que simboliza a angústia e melancolia, o dourado, que representa as coisas preciosas, o roxo, que é relacionado ao sentimento de tristeza e o ruivo, que está ligado à sensualidade. O uso das cores na composição de seus textos é um traço típico dos simbolistas, pois os poetas pertencentes a essa estética, usavam, simultaneamente, todas as sensorialidades para compor sua obra, assim era frequente a harmonia das cores (visão) e dos sons (audição) com aromas (olfato) e gostos (paladar). Dessa maneira, na obra Sá-Carneiriana, pode-se perceber a influência da estética simbolista.

Já em relação ao aspecto formal do texto, notamos que o livro traz a maioria dos poemas compostos por quadras que é o caso do “Álcool”, “Dispersão”, “Estátua falsa”, “Como eu não possuo” e “Além-Tédio”, também os textos “Partida” e “Quase” são compostos quase inteiramente por quadras, exceto por uma estrofe que possui apenas dois versos e, ambos, são representados por reticências, que trataremos mais adiante, durante a análise do poema “Dispersão”.

Em relação à metrficação dos versos, percebemos que os poemas “Quase” e “Além-Tédio” têm versos decassílabos e o “Como eu não possuo” têm a maioria dos versos escritos em decassílabos. Já os poemas “Inter-sonho”, “Vontade de dormir”, “Dispersão” e “Rodopio” são compostos redondilhos maiores.

Ainda em relação à composição formal dos textos, ressaltamos que apenas os poemas “Inter-sonho”, “Vontade de dormir” e “Rodopio” não têm um esquema de rimas, enquanto os demais poemas possuem suas quadras organizadas em alternância de rimas entre ABBA e ABAB.

Constatamos que esta obra apresenta certos padrões em relação aos aspectos formais do texto, visto que a maioria de seus poemas são escritos em quadras, com versos decassílabos ou redondilhos maiores. Assim, as características estruturais empregadas nos textos da obra *Dispersão*, nos remetem à lírica tradicional, contudo Mário de Sá-Carneiro adotou o uso de versos livres em alguns dos poemas. Portanto, percebemos que o autor mesclava traços modernos, tais como a linguagem e temas abordados, com aspectos tradicionais, o que faz com que a sua obra se destaque nesse período literário.

Após fazer uma breve apresentação da obra *Dispersão*, verificando quais as principais características relacionadas tanto ao plano de sentido, quanto aos aspectos formais, partiremos, a seguir, para a análise do poema “Dispersão”.

3.2 O poema “Dispersão”

Devido ao *corpus* de análise deste trabalho constituir-se do poema “Dispersão”, sentimos a necessidade abrir esta parte com o texto na íntegra:

DISPERSÃO

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

Passei pela minha vida
Um astro doido a sonhar.
Na ânsia de ultrapassar,
Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,
Não tenho amanhã nem hoje:
O tempo que aos outros foge
Cai sobre mim feito ontem.

(O Domingo de Paris
Lembra-me o desaparecido
Que sentia comovido
Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é família,
É bem-estar, é singeleza,
E os que olham a beleza
Não têm de bem-estar nem família).

O pobre moço das ânsias...
Tu sim, tu eras alguém!
E foi por isso também
Que te abismaste nas ânsias.

A grande ave dourada
Bateu asas para os céus,
Mas fechou-as saciada
Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,
Assim me choro a mim mesmo:
Eu fui amante inconstante
Que se traiu a si mesmo.

“PERDI-ME DENTRO DE MIM...”: encontro com Mário de Sá-
Carneiro em sala de aula

Não sinto o espaço que encerro
Nem as linhas que projecto:
Se me olho a um espelho, erro
Não me acho no que projecto.

Regresso dentro de mim
Mas nada me fala, nada!
Tenho a alma amortalhada,
Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,
Fiquei com ela, perdida.
Assim eu choro, da vida,
A morte da minha alma.

Saudosamente recordo
Uma gentil companheira
Que na minha vida inteira
Eu nunca vi... mas recordo

A sua boca doirada
E o seu corpo esmaecido,
Em um hálito perdido
Que vem na tarde doirada.

(As minhas grandes saudades
São do que nunca enlacei.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei!...)

E sinto que a minha morte –
Minha dispersão total –
Existe lá longe, ao norte,
Numa grande capital.

Vejo o meu último dia
Pintado em rolos de fumo,
E todo azul-de-agonia
Em sombra e além me sumo.

Ternura feita saudade,
Eu beijo as minhas mãos brancas...
Sou amor e piedade
Em face dessas mãos brancas...

Tristes mãos longas e lindas
Que eram feitas pra se dar...
Ninguém mas quis apertar...
Tristes mãos longas e lindas...

Eu tenho pena de mim,
Pobre menino ideal...
Que me faltou afinal?
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...

Desceu-me n'alma o crepúsculo;
Eu fui alguém que passou.
Serei, mas já não me sou;
Não vivo, durmo o crepúsculo.

Álcool dum sono outonal
Me penetrou vagamente
A difundir-me dormente
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,
E, louco, não enlouqueço...
A hora foge vivida,
Eu sigo-a, mas permaneço...

.....
Castelos dismantelados,
Leões alados sem juba...

.....
(SÁ-CARNEIRO, 2016, p.10-12)

Após ler o poema “Dispersão”, iniciamos nossa análise a partir dos estudos de Guelfi (s.d), pois o texto literário pode ser chamado de sistema, visto que ele possui partes coordenadas entre si, que, juntas, apontam para um resultado determinado, assim, esse sistema é constituído por uma estrutura, disposta em partes de um todo e uma não existe sem a outra.

Dessa maneira, para essa estudiosa, a obra literária é uma construção verbal, na qual existem relações entre os elementos constitutivos e, também, entre ela própria com outras obras. Portanto, a análise de um texto ou livro deve visar à obra em si, utilizando as demais áreas do conhecimento, a fim de chegar aos diferentes sentidos e significados que o texto permite.

Ainda, de acordo com Guelfi (s.d.), os estudos de textos literários devem ser orientados de maneira que seja possível explorar as partes da estrutura, sem perder de vista a totalidade da obra analisada. Assim, a nossa análise sobre o poema “Dispersão” é orientada conforme a divisão da estrutura poemática em estratos: ótico, fônico, morfossintático e das unidades significativas.

Começamos pelos estratos ótico e fônico do texto, ou seja, partimos da organização que o texto possui, tanto em relação ao aspecto sonoro, quanto ao visual, visto que o aproveitamento do espaço na estrutura do poema está relacionado com os esquemas métricos, rítmicos e a utilização de rimas. Em um primeiro momento, o que mais chama a atenção do leitor nesse poema é, como dissemos anteriormente, a regularidade da estrutura composicional, em que todas as estrofes são compostas por versos redondilhos, organizados em quadras, com

uma sonoridade muito semelhante à do poema “Trova” de Sá de Miranda, como se pode observar:

Comigo me desavim,
Sou posto em todo perigo,
Não posso viver comigo
Nem posso fugir de mim.

Com dor da gente fugia
Antes que esta assim crescesse,
Agora já fugiria

Que meio espero ou que fim
Do vão trabalho que sigo,
Pois que trago a mim comigo
Tamanho inimigo de mim?
(MIRANDA apud MOISÉS, 1982, p.93).

Dessa forma, não poderíamos deixar de mencionar a relação intertextual e interdiscursiva entre esses textos e, embora nossa abordagem não seja assentada no estudo dessas relações, procuramos tornar evidente, ao longo desta análise, o diálogo que estabelecem. Foi Julia Kristeva que, a partir da teoria de M. Bakhtin sobre o dialogismo, forjou o termo intertextualidade: “[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade* e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla” (KRISTEVA, 2005, P. 68).

Assim, percebemos que o texto de Sá-Carneiro “absorveu e transformou” o de Sá de Miranda, pois ao olharmos para o texto moderno, imediatamente nos recordamos de “Trova”, visto que a mimetização realizada por Mário de Sá-Carneiro nos remete tanto ao tema quanto ao ritmo do texto de Sá de Miranda.

O fenômeno da intertextualidade é algo frequente na literatura e, como afirmam Paulino, Walty e Cury (2005),

Um dos níveis de intertextualidade é constituído pela inserção do texto na história da literatura. Essa inserção se dá de diferentes maneiras, que vão desde uma adesão a comportamentos artísticos anteriores, até o estabelecimento de ruptura com textos passados ou mesmo contemporâneos. Não se pode esquecer também que essa inserção nunca se dá de modo passivo, pois a própria existência de cada texto altera o conjunto.

Octavio Paz destacou que a própria ruptura, paradoxalmente, torna-se, na Modernidade, uma tradição. Trata-se de uma maneira questionadora de

assumir a tradição, sem jamais chegar a romper de fato com ela. (PAULINO; WALTY; CURY, 2005, p. 59)

Dessa maneira, observamos a presença da tradição lírica no texto de Mário de Sá-Carneiro que, acreditamos, manifesta o intuito de dialogar com os conflitos internos que foram revelados no poema “Trova”, mostrando no “Dispersão” que suas angústias relacionam-se não ao desentendimento consigo mesmo, como fez o escritor clássico, mas à sensação de estar perdido, sem saber quem se é, a ponto de não poder sequer travar uma batalha interior.

Tendo em vista os estratos ótico e fônico, percebemos que o poeta Mário de Sá-Carneiro, como dissemos, mimetizou o ritmo do poema de Sá de Miranda, pois a organização de estrofes e rimas são semelhantes, e ambos os textos são compostos por quadras, nas quais os versos possuem sete sílabas poéticas, ou seja, são redondilhos maiores. Destacamos também que, apesar do poema “Trova” ser composto por uma quadra e uma estrofe com oito versos, o esquema de rimas é semelhante ao de “Dispersão, visto que ambos têm as rimas dispostas em ABBA ABAB ABBA.

Além do mais, há a repetição das sílabas tônicas em sons de /im/ ao longo dos dois textos, para enfatizar a questão do eu: “Comigo me desavim,/[...] /Não posso fugir de mim” (MIRANDA apud MOISÉS, 1982, p. 93) e “Perdi-me dentro de mim,/ [...] /É com saudade de mim” (SÁ-CARNEIRO, 2016, p. 10). Esse uso recorrente do som nasalado /im/ nos remete a um tom de lamentação do eu-lírico, o que também pode ser percebido nas palavras, “perigo”, “comigo”, “labirinto” e “sinto” em que ocorre a repetição de sons /i/ que por analogia sonora, podemos entender que voltam-se para o conflito interno do sujeito poético.

Dessa maneira, acreditamos que Sá-Carneiro tenha buscado inspiração para compor o seu poema a partir da organização rítmica e estrutural seguida pelo escritor Francisco Sá de Miranda, e, através da mimetização sonoro-visual, o autor moderno foi utilizando elementos semelhantes aos do poeta clássico, a fim de compor o seu texto, visto que tratam de um assunto confluyente: as inquietações internas que refletem o diálogo do eu com o eu, que, em Mário de Sá-Carneiro, manifesta-se como a busca pela identidade, desencontro com o eu interior, solidão e angústia, apontando para os abismos interiores do próprio ser. Enquanto

no poema “Trova”, esse tema se manifesta através do desentendimento/desencontro do eu interior consigo mesmo, o qual almeja fugir de quem é, revelando a inquietação e o caráter reflexivo.

Assim, através dos séculos, temos visto na literatura as reflexões e questionamentos sobre o conflito entre o eu interior, por esse motivo, o tema em questão se torna universal, pois consegue atingir as pessoas em algum momento de suas vidas mesmo sendo escritos em diferentes períodos.

De acordo com Moisés (1985), é de crer que Sá de Miranda, depois de Camões, tenha sido o poeta que mais sofreu os desencontros da cultura e as tremendas mudanças determinados pela Idade Moderna. Essa afirmação se conecta com os estudos de Saraiva e Lopes (2005), pois, de acordo com esses autores, o escritor clássico expunha o que pensava sobre o mundo que o rodeava, mostrando o contraste entre a vida rural e a vida urbana, em que a simplicidade rústica era, para ele, um estado mais seguro e mais repousado do que a vida artificial na cidade.

Assim, partindo do preceito de busca a si mesmo, o poeta atribui novos traços e combina-os com uma crítica social que lembra alguns dos utopistas do século XVI. É essa crítica que, provavelmente, deu origem ao sentimento cioso da liberdade pessoal, em que a personalidade não tem que se conformar com as convenções sociais correntes.

Saraiva e Lopes (2005, p. 249) afirmam que, para Sá de Miranda “o mundo está em decadência. A utopia de uma vida natural [...] casa-se com aquela melancolia que ensombra em seus versos”. Assim, notamos que devido às experiências vivenciadas pelo autor, houve a exposição dos seus sentimentos e angústias por meio da literatura, o que pode ser visto no poema “Trova”.

Dessa maneira, podemos perceber, na segunda estrofe, a tentativa de fuga do eu-lírico:

Com dor da gente fugia
Antes que esta assim crescesse,
Agora já fugiria
De mim, se de mim pudesse.
(MIRANDA, *apud* MOISÉS, 1982, p.93).

Nesses versos, notamos que o eu-poético gostaria de fugir de quem ele é, se pudesse, mas, por se tratar das questões internas do indivíduo, essa fuga não pode ser alcançada. No poema “Dispersão”, de Sá-Carneiro, notamos que ao

contrário do texto de Sá de Miranda, a fuga não é sobre quem ele é, visto que o eu poético está perdido por não saber qual a sua identidade, por esse motivo ele deseja sair/fugir do labirinto interno que vivencia, como podemos constatar a seguir:

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudade de mim
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.10).

Portanto, os textos expressam a busca pelo autodesvendamento do eu, o que causa um sentimento de tristeza e melancolia, tornando-se um tema recorrente, universal e atemporal, uma vez que ambos falam da condição da existência humana e do autoquestionamento. Além disso, acreditamos que Mário tenha recorrido ao texto do poeta clássico devido à identificação profunda com o sentimento expressado por Sá de Miranda, o que o levou, como dissemos, a mimetizar o poema do autor clássico recriando o seu ritmo, para mostrar, assim, a sintonia que houve entre eles.

Se nos voltarmos para o estrato ótico desses textos, vemos que há, em ambos uma espiral projetada no esquema de rimas dos poemas, visto que, no poema “Dispersão” isto é explicitado ao compararmos a primeira e a sétima estrofes:

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudade de mim

[...]

A grande ave doirada
Bateu asas para os céus,
Mas fechou-as saciada
Ao ver que ganhava os céus.
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.10).

Pensando no estrato fônico, inicialmente, a rima está em ABBA, com a repetição da última palavra no primeiro e último versos (assim como no poema de Sá de Miranda), mantendo-se essa organização até a sétima estrofe, que é quando há uma alteração e a rima fica disposta em ABAB, em que se repetem as palavras no segundo e último versos. Essa oscilação ocorre durante todo o poema, e o uso

da repetição de termos em todas as estrofes, de forma regular, causa um efeito espiralado na estrutura do texto criado por meio do ritmo das repetições, pois há um movimento circular, no qual o sentido se repete a todo o momento (movimento de “vai-e-volta”), provocando uma circularidade e uma espécie de eco, que apontam para a imagem labiríntica.

Além disso, ainda pensando no estrato fônico do poema, notamos que há a sonoridade e a alternância das rimas de alguns versos heptassílabos e a repetição do som /im/ e /em/ fazendo com que o poema adquira um tom de lamentação, apresentando o estado de ânimo do eu-poético e nos permitindo vislumbrar a imagem labiríntica relacionada ao sujeito lírico novamente.

A imagem do labirinto no poema projeta-se não só no estrato fônico, mas também no estrato morfossintático, pois ao tentar transpor os seus sentimentos, bem como a questão da ausência de um “norte”, por meio da repetição de estruturas em que foge do convencional na escrita gramatical, a fim de buscar palavras e expressões da língua que possam dar conta de expressar os seus sentimentos, o que talvez não seja possível através do uso convencional da gramática e, por esse motivo, a língua por si só não é suficiente para dizer tudo que ele deseja, como vemos ao ler a oitava, a décima sexta e a vigésima estrofes:

Como se chora um amante,
Assim *me choro a mim mesmo*:
Eu fui amante inconstante
Que se traiu a si mesmo.

[...]

Vejo o meu último dia
Pintado em rolos de fumo,
E todo azul-de-agonia
Em sombra e além *me sumo*.

[...]

Desceu-me n'alma o crepúsculo;
Eu fui alguém que passou.
Serei, mas já não *me sou*;
Não vivo, durmo o crepúsculo.
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.10, 11, 12 “grifos nosso”).

Nessas três quadras há a presença do uso do pronome reflexivo “me” acompanhado de verbos: “choro”, “sumo” e “sou”. Ao empregar a sintaxe de maneira incomum, o poeta provoca, no leitor, um estranhamento, tanto em relação ao plano

sonoro, quanto ao sintático-semântico. Além disso, há a questão do efeito pleonástico, visto que nesses versos o sujeito lírico enfatiza a todo o momento o próprio ser interno, em que há um diálogo que vai do eu para o eu.

Esse efeito pleonástico, nos leva diretamente para a questão das unidades de sentido, visto que “o estrato fônico e ótico já nos mostram grande parte de seu significado. Mas, a estrutura poemática tem sua razão de ser no estrato das unidades de sentido” (GUELF, s.d., p.11).

Esses não são os únicos momentos do texto em percebemos o uso a quebra na estrutura tradicional da sintaxe, ao analisarmos as primeiras estrofes do poema:

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

Passei pela minha vida
Um astro doido a sonhar.
Na ânsia de ultrapassar,
Nem dei pela minha vida...
(SÁ-CARNEIRO, 2016, p. 10)

Podemos perceber, nesses dois quartetos iniciais, a presença dos tempos verbais, pretérito perfeito "perdi" e do pretérito imperfeito "era", que são utilizados para dar ênfase na perda do próprio ser em um labirinto sem saída, o que nos revela, também, um caráter narrativo, tendo em vista que na lírica, normalmente, se usa o tempo verbal do presente, o que podemos observar mais adiante no texto, com o verbo "sinto", o que é característico do gênero lírico, causando uma “quebra” na estrutura tradicional desse tipo textual. Ainda nesse momento, o autor faz um deslocamento do tempo verbal, com o intuito de “narrar” o seu estado interior, visto que, para chegar ao sentido que deseja alcançar, ele recorre ao tempo característico da narrativa (passado).

De acordo com Weinrich, (apud KOCH, 1984), as situações comunicativas podem ser divididas em dois grupos fundamentais, que se distinguem entre o “mundo comentado” e o “mundo narrado”. Para esse estudioso:

Ao mundo narrado, pertencem todos os relatos literários ou não; [...] Ao mundo comentado pertencem a lírica, o drama, o ensaio, o diálogo, o

comentário, enfim, por via negativa, todas as situações comunicativas que não consistam, apenas em relatos e que apresentam como característica a atitude tensa [...] (KOCH, 1984, p.38).

Quando falamos sobre o mundo narrado, estamos tratando de relatos, narrativas independentemente de pertencerem ou não ao gênero literário, enquanto, ao abordar o mundo comentado, trabalhamos com os textos a que pertencem a lírica e o drama, os quais apresentam o falante como um indivíduo que está em constante tensão, gerando um discurso dramático, visto que aquilo que está sendo dito o afeta diretamente.

Dessa maneira, ao recorrer aos verbos no passado, que são pertencentes ao grupo do “mundo narrado”, o eu-lírico assume o papel de narrador, pois a ação comunicativa se desloca para o plano da consciência, que só tem validade durante o tempo de duração do relato, que revela os fatos que aconteceram com o eu-lírico como o uso do passado “perdi”, mostrando-nos que o sujeito poético entrou em um labirinto sem saída e esse fato não pode ser mudado, assim, ele está apenas constatando o que já aconteceu. Isto é, toda a reflexão lírica circula-se a essa “história” proposta e sintetizada em “perdi-me”. Contudo, quando o eu-lírico retorna ao uso dos verbos no tempo presente, algo característico do “mundo comentado”, o eu-poético expressa que a sensação que ele está vivenciando, afeta-o diretamente, tendo em vista que se trata do não se sentir mais e de ter saudade de quem era/ quem sentia ser.

Ainda pensando nos tempos verbais utilizados ao longo do poema, notamos que o verbo “ser”, na vigésima estrofe, está empregado de três diferentes formas:

Desceu-me n'alma o crepúsculo;
Eu fui alguém que passou.
Serei, mas já não me sou;
Não vivo, durmo o crepúsculo.
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.12)

Temos, nessa quadra, a presença do tempo passado (fui), presente (sou) e futuro (serei), sendo que nesses dois últimos ele tem o sentido conotativo de existir, assim, o eu-lírico conta, como em uma narrativa, que já foi alguém, já existiu, porém, apesar de continuar vivo, ele mesmo já não tem consciência de sua própria existência e, quando tenta fazer projeções para o futuro, volta para o presente, isto

é, ao momento em que não é ninguém. Ao analisar esse “passeio” pelos tempos verbais, notamos o movimento labiríntico novamente.

Além disso, por meio das expressões “já não me sou” e “durmo o crepúsculo”, em que há uma “perturbação” na sintaxe, visto que o verbo dormir é intransitivo e está sendo usado como um verbo transitivo direto, pois o complemento verbal “o crepúsculo” está acompanhando o verbo, o que causa um estranhamento em relação ao estrato morfossintático. E, ainda, pensando no estrato semântico, essas expressões nos remetem à ideia de que eu-lírico, ao dizer “Durmo o crepúsculo”, está indicando o prenúncio de sua morte, pois não consegue encontrar a saída desse labirinto que é a sua atual existência, ou seja, não encontra mais um motivo para continuar a viver.

Assim, passaremos, agora, a analisar o aspecto semântico do texto, dando atenção especial, em alguns momentos, às palavras e expressões que possuem um significado destacado no poema, pois, conforme Paz (2012) “[...] as palavras, claro, têm um valor. O valor das palavras reside no sentido que elas escondem [...] esse sentido não passa de um esforço que não pode ser alcançado realmente pelas palavras” (PAZ, 2012, p. 111). E, tratando-se de um texto lírico, não poderíamos deixar de analisar o aspecto semântico “escondido” nos versos do poema, que são construídos a partir das imagens criadas pelo eu-lírico em busca de representar seu próprio ser, construindo, assim, desafios que violam a lei lógica, como a tentativa de encontrar a alma perdida.

Dessa maneira, Paz (2012) afirma que:

[...] a palavra é uma frase em que a pluralidade de significados não desaparece. A imagem admite e exalta todos os valores das palavras, sem excluir os significados primários e secundários.[...]
As imagens do poeta têm sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar, possuem autenticidade: o poeta as viu ou ouviu, são uma expressão genuína de sua visão e experiência do mundo (PAZ, 2012, p. 113).

Portanto, as imagens construídas no poema nos mostram todas as possibilidades de sentidos que a palavra pode alcançar, dizendo, então, algo sobre o mundo ou algo sobre nós mesmos, o que reproduz a pluralidade da realidade, por isso as imagens construídas no poema nos obrigam a refletir. E, tratando-se do *corpus* do nosso trabalho “Dispersão”, notamos que o uso das imagens é recorrente

ao longo do texto, com o objetivo de reiterar e enfatizar a maneira como o eu-lírico constata o vazio interior, a ausência de caminhos e a dor da solidão, que o leva à profunda agonia por saber que está vivo e, no entanto, sente-se morto.

Podemos notar, também já na primeira quadra do poema "Dispersão", a imagem labiríntica, em que o eu-lírico se encontra:

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudade de mim
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.10).

Nessa estrofe, percebemos que a relação do sujeito poético com a realidade resulta, simultaneamente, em imagens de seu interior e do universo exterior. Além disso, o eu-lírico se define, desde os primeiros versos, como um “labirinto”, no qual a vida passa despercebida e, de acordo com os estudos de Campos e Oliveira (2012), o tema labiríntico encontrado no poema nos mostra a viagem que o indivíduo faz dentro de si mesmo, em digressões temporais e espaciais, revelando toda sua angústia e a procura de seu próprio ser. Isto é, o eu-lírico está perdido dentro de si mesmo, visto que ele não consegue se encontrar dentro do seu labirinto interior.

E, de acordo com Chevalier e Gheebbrant (2009):

A ida e volta no labirinto seriam o símbolo da morte e da ressurreição espiritual.
O labirinto também conduz o homem ao interior de si mesmo, *a uma espécie de santuário interior e escondido, no qual reside o mais misterioso da pessoa humana.* [...] É ali, nessa cripta, que se reencontra a unidade perdida do ser, que se dispersara na multidão dos desejos (CHEVALIER; GHEEBBRANT, 2009, p. 531).

O eu-poético expressa a vivência de um conflito interno, por não saber mais quem é, o que o impede de alcançar o estágio do ser para si e para o outro, fazendo com que seja incapaz de vivenciar o mundo exterior, pois está totalmente voltado para as questões e conflitos pessoais, no entanto, ao contrário do que comenta Chevalier e Gheebbrant (2009), a “viagem” de Mário de Sá-Carneiro não promove o reencontro com a unidade perdida. Ainda devemos ressaltar que essa perda da identidade ocorre devido aos desejos do eu-lírico que nunca foram alcançados, além do fato do vazio interno, o qual nunca poderá ser preenchido,

devido à ausência da família, como podemos observar nas terceira, quarta e quinta estrofes:

Para mim é sempre ontem,
Não tenho amanhã nem hoje:
O tempo que aos outros foge
Cai sobre mim feito ontem

(O Domingo de Paris
Lembra-me o desaparecido
Que sentia comovido
Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é família,
É bem-estar, é singeleza,
E os que olham a beleza
Não têm bem-estar nem família).
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.10)

Nos fragmentos anteriores, percebemos o processo circular que está ligado ao passado do eu-lírico, e, por mais que ele queira viver o momento atual se sente estagnado, preso ao passado, o que é visto nos versos “O tempo que aos outros foge/Cai sobre mim feito ontem”, assim notamos que o sujeito poético não consegue vivenciar o momento atual, pois ele ainda está remoendo tudo o que deveria ter vivido, mas não pôde, percebe-se aí a sobreposição de imagens que o sujeito lírico utiliza para representar os domingos em família que nunca teve, pode-se dizer que essas imagens refletem algo desejado, mas inexistente da vida de Mário de Sá-Carneiro, visto que ele perdeu a mãe ainda bebê e nunca teve a figura paterna presente. Ainda, no verso “Cai sobre mim feito ontem” podemos percebermos que o verbo “cair” está associado a imagem da queda, que nos remete ao abismo profundo, o qual pode ser interpretado como a morte. Essa sobreposição de imagens, utilizadas pelo poeta “diz o indizível [...] o que a linguagem por natureza, parece ser incapaz de dizer” (PAZ, 2012, p. 112).

Em seguida, eu-lírico revela o sentimento de autopiedade, empregando pela expressão “pobre moço das ânsias”, sendo que esse sentimento ocorre devido ao fato de estar preso ao passado, o que desencadeia suas ânsias, fazendo com que caia em um abismo profundo:

O pobre moço das ânsias...
Tu sim, tu eras alguém!
E foi por isso também
Que te abismaste nas ânsias.
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.10).

Nessa estrofe, o eu-lírico se autodescreve como alguém que anseia pelo que não viveu, mostrando, assim, que a ânsia é parte de sua identidade, o que o leva a cair em um abismo, e de acordo com Chevalier e Gheebant (2009):

Abismo [...] designa aquilo que é sem fundo, o mundo das profundezas ou das alturas indefinidas. [...] simboliza globalmente os **estados informes da existência**. Do mesmo modo aplica-se ao caos tenebroso das origens e às trevas infernais dos dias derradeiros. No plano psicológico, também, pode corresponder tanto à indeterminação da infância como à indiferenciação da morte(CHEVALIER; GHEEBRANT, 2009, p. 5).

Dessa forma, o eu-lírico vai se afundando cada vez mais em seu labirinto/abismo interno, o que está relacionado às questões psicológicas vivenciadas por ele, visto que esse abismo está diretamente ligado ao fato do sujeito poético sentir-se incapaz de enfrentar o seu presente, pois não consegue deixar para trás as suas angústias por não ter tido os momentos tão almejados, por não se encontrar.

Nas sétima e oitava estrofes do poema, podemos observar a questão da constante insatisfação:

A grande ave doirada
Bateu asas para os céus,
Mas fechou-as saciada
Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,
Assim me choro a mim mesmo:
Eu fui amante inconstante
Que se traiu a si mesmo.
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.10).

Ao lermos os versos “A grande ave doirada/ Bateu asas”, notamos que é utilizada uma imagem para representar a busca por alguma coisa e, nesse caso, é algo valioso, mas não no sentido material e sim como um caráter valorativo ligado aos sentimentos internos. Além disso, é empregada a imagem da ave para representar o alcance de seus desejos, sendo que ela representa a liberdade, assim, acreditamos que o sujeito poético conseguiria se desligar do passado se atingisse os seus objetivos. Contudo, a possibilidade de alcance os ideais, se perde o que é

explicitado pela imagem da “ave doirada” que, ao ganhar os céus, ou seja, ir em busca de seus ideais e seus sonhos, perde o interesse e fecha suas asas.

Esse fato é confirmado, na sequência, em que o eu-lírico diz-se “um amante inconstante que traiu a si mesmo”, o uso do termo “inconstante”, mostra que as opiniões e atitudes se alteram facilmente e que o indivíduo oscila entre lutar por aquilo que deseja. Todas essas atitudes fazem o poeta se sentir transparente perante a realidade, visto que o eu-lírico diz, nos dois últimos versos do nono quarteto, que ao olhar-se no espelho não se vê naquilo que se projeta:

Não sinto o espaço que encerro
Nem as linhas que projecto:
Se me olho a um espelho, erro –
Não me acho no que projecto.
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.10).

No terceiro verso, a palavra “erro” se refere à ideia de errância, ou seja, estar perdido, disperso em sua própria imagem, a ponto de não conseguir mais se reconhecer ao se ver diante de um espelho. Nessa passagem, temos novamente o uso da imagem para mostrar o quão perdido e desencaminhado o eu-poético se sente, reafirmando a perda da identidade, núcleo central do poema. E quando o sujeito lírico tenta regressar para si mesmo, ele não encontra nada, deparando-se, assim, com o vazio, como veremos nas estrofes a seguir:

Regresso dentro de mim
Mas nada me fala, nada!
Tenho a alma amortalhada,
Sequinha, dentro de mim

Não perdi a minha alma,
Fiquei com ela, perdida.
Assim eu choro, da vida,
A morte da minha alma.
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.11).

Ao olhar para seu próprio interior, o eu-lírico constata que sua alma está imobilizada, podemos notar isso pelo uso das imagens “nada me fala” e “sequinha”, revelando que o espírito está envolvido por uma mortalha, isto é, por meio dessa imagem, que representa o manto da morte, revela-se o estado do eu-lírico, mostrando que a alma dele está perdida enquanto ele ainda está vivo, sendo assim, ela permanece presa e inerte. Além disso, há o jogo de palavras nos versos:

“Não perdi a minha alma,/Fiquei com ela, perdida.”, enfatizando que sua alma está perdida, mas ele ainda a possui.

Ao constatar sua morte em vida, o eu-lírico se recorda de tudo que gostaria de ter vivido, o que nos leva a pensar que ele sonhe/imagina o que mais deseja e, por isso, só encontra mais vazios:

Saudosamente recordo
Uma gentil companheira
Que na minha vida inteira
Eu nunca vi... mas recordo

A sua boca doirada
E o seu corpo esmaecido,
Em um hálito perdido
Que vem na tarde doirada.

(As minhas grandes saudades
São do que nunca enlacei.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei!)
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.11).

Como podemos observar, o eu-lírico volta-se para o ser interior e constata que sua essência está perdida devido à saudade que sente de tudo aquilo que não foi vivido e experimentado, o que é revelado por várias imagens, como a “gentil companheira” nunca vista. Além disso, chama a atenção o uso recorrente da palavra “doirada”, que simbolicamente é a representação do tesouro, de algo que é idealizado, um objeto de desejo e, nesse caso, é um tesouro inalcançável para ele, pois o texto nos indica que as saudades são de vivências e de pessoas que ele nunca pôde ter ou viver. Também, destacamos que o uso da imagem “tarde doirada” está remetendo à “boca doirada”, sendo que ambas representam uma idealização de algo perfeito que é desejado.

Ainda percebemos que a “tarde doirada” simboliza a transição do dia para a noite, o que nos remete à transição da vida para a morte, representada pela imagem do crepúsculo, assim, nos versos seguintes o eu-lírico começa a pensar em seu último dia:

Vejo o meu último dia
Pintado em rolos de fumo,
E todo azul-de-agonia
Em sombra e além me sumo.

(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.11).

Para o sujeito poético, o último dia é representado imagetivamente como um rolo de fumo, em que a fumaça surge e, aos poucos, vai se dissipando pelo ar, até sumir por completo sem deixar mais vestígios. Esse processo de dissipação se inicia pelo próprio eu, que sente desfazer-se até desaparecer por completo, assim como ocorre com a fumaça. Além do mais, a expressão “azul-de-agonia” possui sentido oposto ao da cor dourada visto que:

O azul é a mais **imaterial** das cores: a natureza o apresenta geralmente feito apenas de transparência, [...] de vazio acumulado, vazio de ar, vazio de água, vazio do cristal ou do diamante, o vazio é exato puro e frio [...] o pensamento consciente, nesse momento, vai pouco a pouco cedendo lugar ao inconsciente, do mesmo modo que a luz do dia vai se tornando insensivelmente a luz da noite, o azul da noite (CHEVALIER; GHEEBRANT, 2009, p. 107).

Portanto, o uso da imagem “azul-de-agonia” reforça a do rolo de fumo, pois, assim como a fumaça, esta cor vai se dissipando através da transparência até desaparecer por completo, anunciando de certo modo a dispersão.

Na sequência do poema, notamos que, gradativamente, anulam-se imagens incompletas, que foram anunciadas na estrofe anterior, por meio da cor “azul-de-agonia”, assim, o pensamento do eu-lírico começa a flutuar, dissociar-se, o que se observa também por meio da pontuação e divagação das ideias:

Ternura feita saudade,
Eu beijo as minhas mãos brancas...
Sou amor e piedade
Em face dessas mãos brancas...

Tristes mãos longas e lindas
Que eram feitas pra se dar...
Ninguém mas quis apertar...
Tristes mãos longas e lindas...

Eu tenho pena de mim,
Pobre menino ideal...
Que me faltou afinal?
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.11)

Nessas três estrofes, percebemos como vai se configurando a dispersão, através do uso das reticências vemos que os pensamentos do eu-lírico

voltam-se para a imagem de solidão e a falta de objetivos, refletindo-se na organização de seus pensamentos, que, nesse momento, começam a ficar vagos, deixando as ideias soltas, assim como ele se sente inacabado em seu interior.

Também, nesses três quartetos, há a questão do narcisismo, visto que o eu-poético tem admiração pelas suas “mãos longas e lindas” que ninguém nunca apreciou o suficientemente e, por isso, ele revela novamente a autopiedade que possui. Conforme os estudos de Berardinelli (2015), nessa passagem do poema, o narcisismo de Sá-Carneiro tem uma de suas manifestações mais fortes, já que o tema da ternura de suas mãos é um tema de muitos versos do poeta.

Nos versos seguintes, o processo de dispersão se torna tão intenso que chega a atingir o âmbito mais profundo de sua alma. Esse processo é representado tanto no aspecto semântico, quanto no aspecto formal:

Desceu-me n'alma o crepúsculo;
Eu fui alguém que passou.
Serei, mas já não me sou;
Não vivo, durmo o crepúsculo.

Álcool dum sono outonal
Me penetrou vagamente
A difundir-me dormente
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,
E, louco, não enlouqueço...
A hora foge vivida,
Eu sigo-a, mas permaneço...

.....
Castelos desmantelados,
Leões alados sem juba...

.....
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.12)

Nessas estrofes, percebemos que a dispersão se instalou de forma tão intensa em sua alma que o conduziu ao crepúsculo, simbolizado como “a direção onde o Sol declina, se extingue e morre. Exprime o fim de um ciclo” (CHEVALIER; GHEEBRANT, 2009, p. 300), ou seja, a morte. O crepúsculo é, também, a representação da saudade e melancolia que o eu-lírico vivenciou durante todo o seu percurso, conduzindo-o à embriaguez, sendo que esta não é relacionada ao álcool, mas sim, ao estado em que sua alma se encontra. Conseqüentemente, o sujeito lírico se encaminha para o sono outonal, isto é, o prenúncio de sua morte, que o

perturbou durante toda sua existência, levando-o a enlouquecer “na própria lucidez”, como ele afirma no segundo verso da penúltima estrofe “E, louco, não enlouqueço”, o que é uma expressão contrastante, visto que o estar louco é consequência do ato de ter ficado enlouquecido.

Em seguida, o poeta deixa dois versos sem escrever, utilizando assim a elipse, nos fazendo crer que o efeito da dispersão foi tão intenso no decorrer do texto, que houve a dissipação das palavras, deixando em aberto para o leitor possibilidades de sentidos. Ainda devemos ressaltar que o uso de reticências nessa estrofe nos revela que houve a dispersão das ideias e, nesse momento, todo o pensamento do eu-lírico está flutuando, fazendo com que elas se tornem vagas e impossíveis de serem completadas.

E, por fim, na última estrofe, percebemos aparentemente a ruptura da estrutura, o que sugere o silêncio e a ausência do dizer, devido à dispersão, no entanto, ela ainda se mantém como quadra, pois as reticências foram utilizadas para marcar a ausência de verbos.

Além disso, como o próprio eu-poético afirma: surgem imagens como os leões alados que perderam sua juba, isto é, sua força/segurança, nessa passagem do poema percebemos que as imagens empregadas possuem características surreais, sendo que no real empírico a juba não está relacionada com a força física do animal.

Como o próprio título do poema indica, durante todo o processo de construção do texto, isto é, na composição dos estratos ótico, fônico, morfossintático e semântico, projetam-se os sentidos relacionados à dissipação existencial do ser, ou seja, a “dispersão”, que conforme o *Dicionário Houaiss* (2001):

Dispersar: [...]2(fazer) desaparecer, dissipar (-se). 3 (fazer) mudar direção (a atenção); distrair (-se), concentrar (-se)”. [...] 5 processo passivo em que os indivíduos são levados de uma área para outra. 6 processo de separação de indivíduos anteriormente agrupados[...] (HOUAISS; VILLAR 2001, p.253)

No caso do contexto do poema, dispersão significa um processo de separação, em que os indivíduos são levados de uma área para outra, mas, no caso do título da obra e, especificadamente, do poema em questão, a separação é do próprio ser interior. Ainda com base nos significados apresentados por este

dicionário, dispersão é a disseminação de uma substância em um fluido no qual não é solúvel até o desaparecimento, o que ocorre com a alma do eu-lírico no poema, pois ela se dispersa até o desaparecimento completo do eu-existencial. A partir do fragmento a seguir, podemos constatar essa perda do próprio ser, que para o sujeito poético significa a própria morte, pois nada adianta estar vivo e se sentir morto:

E sinto que a minha morte –
Minha dispersão total –
(SÁ-CARNEIRO, 2006, p.11).

Nesse momento do poema, o eu-lírico explica o que é a dispersão para ele, mostrando que, apesar de continuar existindo, sua dispersão total é a morte enquanto vivo. Assim, ele já se encontra morto, mesmo que seu corpo ainda esteja fisicamente vivo, sua essência se perdeu, causando a morte do ser interior.

Portanto, a busca pelo seu próprio ser é um tema recorrente nos poemas de Mário de Sá-Carneiro, pois assim como ocorre no poema “Dispersão”, outros poemas nos mostram a maneira que o eu-lírico vagueia dentro de si mesmo procurando encontrar a sua essência.

Essa questão da busca pelo autoconhecimento e autoidentidade ocorre não só na poesia moderna, mas, também, aparece em outros momentos históricos da literatura portuguesa, como vimos anteriormente, ao mostrar o diálogo que o poema de Sá-Carneiro realiza com o poema de Sá de Miranda, um autor clássico.

Assim, percebemos que Mário de Sá-Carneiro buscou inspiração no poema “Trova” de Sá de Miranda e, a partir disso, o autor moderno, através da mimetização do ritmo e da organização estrutural compôs um texto em que foram empregados versos redondilhos maiores, bem como um esquema de rimas, estruturado em ABBA e ABAB. Sá-Carneiro utiliza, ao mesmo tempo, características da lírica tradicional e mostra aspectos inovadores: como a “extrapolação” da sintaxe, ao usar pronomes reflexivos de maneira incomum, utilizar tempos verbais que não são típicos da composição lírica e, também, a maneira como ele vai mostrando através do texto o processo de dispersão, por meio da utilização de imagens que representam à queda no abismo do eu interior e, conseqüentemente, dissipação do ser, que, ao chegar ao ápice, é simbolizada pela ausência de palavras, que dão lugar às reticências. Além disso, podemos ver a bipolaridade e a concepção de

mundo de Mário de Sá-Carneiro, nos revelando uma desilusão com a vida, em que o eu-lírico tem a alma tomada por angústias, desespero, dores e tormentos.

4 Relatório de aplicação das atividades e avaliação

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos adotados para o desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas elaboradas e aplicadas em sala de aula sobre o Modernismo português, o poeta Mário de Sá-Carneiro nesse contexto, a obra *Dispersão* e o poema “Dispersão”, além de explicitar os resultados alcançados pelos alunos, por meio das respostas aos questionários aplicados em sala de aula, bem como a nossa análise desses resultados.

4. 1 Primeira etapa de aplicação

A primeira etapa da aplicação da atividade sobre o Modernismo Português e o autor Mário de Sá-Carneiro, realizou-se na Escola Estadual Laura de Mello Franco, em uma aula dupla (uma hora e quarenta minutos), e contou com a presença de 16 alunos. Essa primeira etapa teve como objetivo sensibilizar os estudantes e realizar uma contextualização sobre as características e o momento histórico do Modernismo Português, além de falar sobre os principais autores dessa escola literária, com foco no poeta Mário de Sá-Carneiro.

Dessa maneira, durante essas aulas, trabalhamos com os estudantes, além dos conteúdos relacionados ao surgimento e desenvolvimento do Modernismo em Portugal, a vida e obra do poeta e apresentamos o poema “Dispersão”, que se encontra na obra *Dispersão*.

Assim, para iniciar as atividades, realizamos uma discussão a fim saber o que eles conheciam e se lembravam sobre o Modernismo Brasileiro e Português, bem como suas principais características estéticas, autores e obras representativas. Após o debate, nós utilizamos slides, para apresentar o período Modernista: surgimento e maturação, presença das vanguardas modernas, o Sensacionismo, o Futurismo e o Interseccionismo, as principais características e autores, além de comentar sobre a vida do poeta Mário de Sá-Carneiro e sua relação de amizade com Fernando Pessoa e também a obra Sá-Carneiriana, especificadamente,

Dispersão. Para contextualizar este livro, explicitamos a recorrência do tema da busca pela autoidentidade, que é revelado desde os títulos dos textos presentes na obra, até o plano de sentido, além disso, destacamos a composição formal desses poemas, com o intuito de destacar o segmento de métrica e esquemas de rimas.

Na sequência, entregamos aos alunos fotocópias do poema “Dispersão” e pedimos para que eles fizessem uma leitura silenciosa do texto. E, posteriormente, aplicamos questões para avaliar uma primeira compreensão dos estudantes sobre esse poema, sem que fosse feita nenhuma intervenção analítica sobre ele.

Durante o desenvolvimento dessa etapa do trabalho, todos os estudantes participaram ativamente, tanto no momento da aula expositiva, quanto na leitura e realização das atividades.

Na questão 1 perguntamos²:

Após ler o poema “Dispersão”, responda:

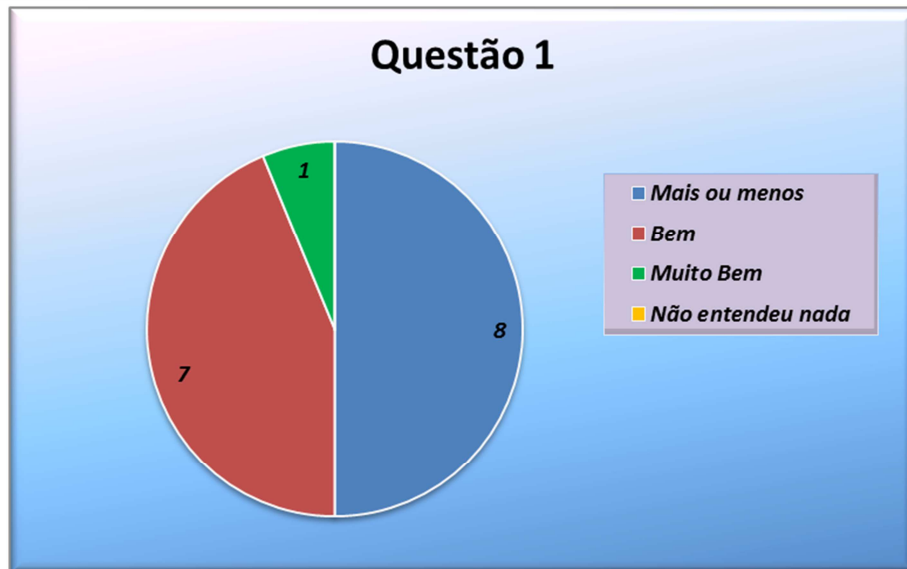
1 – Você acha que o entendeu:

- mais ou menos.
- bem.
- muito bem.
- não entendeu nada.³

Após computarmos as respostas dos 16 estudantes presentes, chegamos ao seguinte resultado:

² As questões aplicadas podem ser lidas em conjunto no Apêndice B deste trabalho.

³ As questões citadas a partir de agora foram elaboradas pelas autoras deste trabalho e encontram-se em Apêndice.



Assim, notamos que todos disseram ter entendido o poema, sendo que 8 acreditam que tiveram uma compreensão mediana, 7, uma compreensão boa e 1 pessoa, uma ótima compreensão do poema.

Na pergunta seguinte, foi questionado quais foram as impressões iniciais dos alunos sobre o assunto tratado no poema: “2 – Escreva com suas palavras o que você acredita ter entendido:”

Para essa questão, houve respostas diversas, em que a mais recorrente, apontada por 9 alunos, foi que o texto fala sobre a perda do ser e da identidade; a segunda resposta que mais apareceu, escrita por 4 estudantes, foi que o texto em questão abordava os sentimentos do eu-lírico; e, ainda, houve mais três respostas distintas, de diferentes alunos – 1ª: “o poeta sentia-se só”, 2ª: “o eu-lírico não conhece a si mesmo”, 3ª: “o texto revela as incertezas do ser”.

Portanto, notamos, de maneira geral, que os estudantes compreenderam o assunto do poema, pois quase todos conseguiram chegar próximos ao tema tratado no texto, sendo que 9 alunos perceberam que é o da perda da identidade e a solidão. Esse resultado pode ter ocorrido devido ao fato que durante a contextualização da obra, foi mencionado aos estudantes sobre os temas comuns adotados por Mário de Sá-Carneiro sendo que um deles foi a questão da identidade.

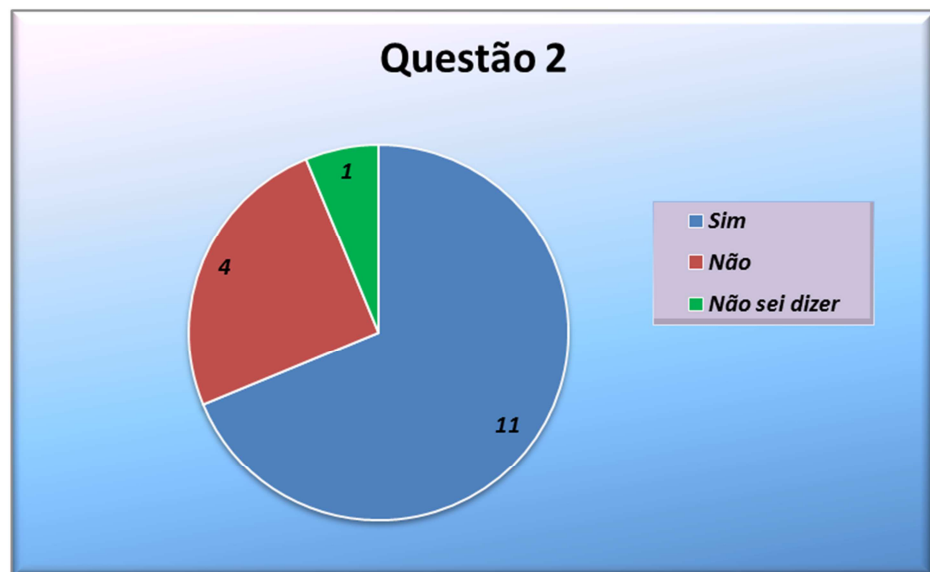
Por fim, a terceira questão, incidia sobre a percepção que têm sobre a modernidade do texto:

3 – Você acha que o poema do Mário de Sá-Carneiro é moderno?

- () Sim.
() Não.
() Não sei dizer.

Justifique:

Ao totalizar as respostas dadas, chegamos ao seguinte resultado:



Notamos que a maioria dos alunos afirmou que o poema é moderno, no entanto, eles não conseguiram explicar de forma clara o porquê. Dessa maneira, eles dizem saber que o texto é moderno, mas a ausência de explicações provocou em nós o seguinte questionamento: realmente houve a compreensão de que o texto é moderno e os alunos apenas não conseguiram se expressar de forma escrita, ou os alunos colocam que o poema é moderno pois sabem que está inserido no período modernista? Se considerarmos apenas a atividade escrita, chegamos à conclusão de que os alunos apenas relacionaram a modernidade ao momento literário do autor, contudo, se pensarmos no desempenho dos estudantes durante a discussão oral, devemos ressaltar que a sala havia compreendido os aspectos que relacionam o “Dispersão” ao Modernismo, bem como as características que o distanciam desse período.

Dentre as respostas dos estudantes que afirmaram que o texto é moderno, 6 falaram que a modernidade está no tema do poema, pois nele há a busca por descobrir-se, o que é muito comum na realidade atual; 4 estudantes escreveram que a modernidade está relacionada com a estrutura do poema; também teve 1 resposta afirmando que o aspecto moderno está na questão do poeta relatar o que viveu/sentiu.

Em relação aos estudantes que afirmaram que o poema não é moderno, houve três diferentes respostas: 3 alunos concluíram que o texto não é moderno devido à linguagem/vocabulário utilizado; e 1 aluno escreveu que o texto não é futurista, por isso não é moderno.

Portanto, ao final da análise desse primeiro questionário, concluímos que os estudantes conseguiram entender o sentido geral do texto. No entanto, quando perguntamos sobre a modernidade, que se relaciona tanto ao tema, quanto à estrutura, não souberam explicar de maneira clara, sendo que a organização formal aponta para o estilo tradicional, enquanto a linguagem, tema e organizações sintáticas apontam para a modernidade. Assim, notamos que os estudantes não atingiram a compreensão efetiva sobre o aspecto formal do texto, enquanto o plano de conteúdo é acessado mais facilmente por eles. E, ainda ressaltamos que, os alunos, nesse primeiro momento, não conseguiram estabelecer a relação entre a forma e o conteúdo do poema. As dificuldades podem ser justificadas pelo fato de que, até este momento, ainda não houve a nossa intervenção na análise.

4.2 Segunda etapa de aplicação EGUNDA

A segunda etapa do nosso trabalho também foi realizada em uma aula dupla (uma hora e quarenta minutos), na mesma escola, na sala de aula com os mesmos 16 alunos em continuidade da aula anterior, em que o objetivo foi realizar a análise do poema que desenvolvemos a partir de uma discussão feita juntamente com os estudantes, além de aplicar a segunda parte da atividade⁴, para, assim, avaliarmos a compreensão dos estudantes sobre o poema, e se conseguiram, afinal, selecionar o plano de expressão ao de conteúdo na composição do sentido.

⁴ As questões aplicadas podem ser vistas em conjunto no Apêndice C deste trabalho.

Dessa maneira, iniciamos a aula retomando o conteúdo explicado na aula anterior e, em seguida, fizemos a leitura do poema "Dispersão", que foi sendo analisado juntamente com os estudantes, com o intuito de abordar os aspectos fônicos, óticos, morfossintático, semânticos e imagéticos do texto. Assim, fomos explicitando o processo de construção e desenvolvimento do poema, por meio dos aspectos que citamos anteriormente.

Após a explicação, entregamos fotocópias para os alunos que continham a segunda parte das atividades, com questões de múltipla escolha e questões dissertativas, abordando os aspectos trabalhados. Além disso, foi proposta uma produção textual, a fim de que eles relatassem o que foi aprendido durante essas aulas e quais foram as experiências adquiridas ao longo do processo.

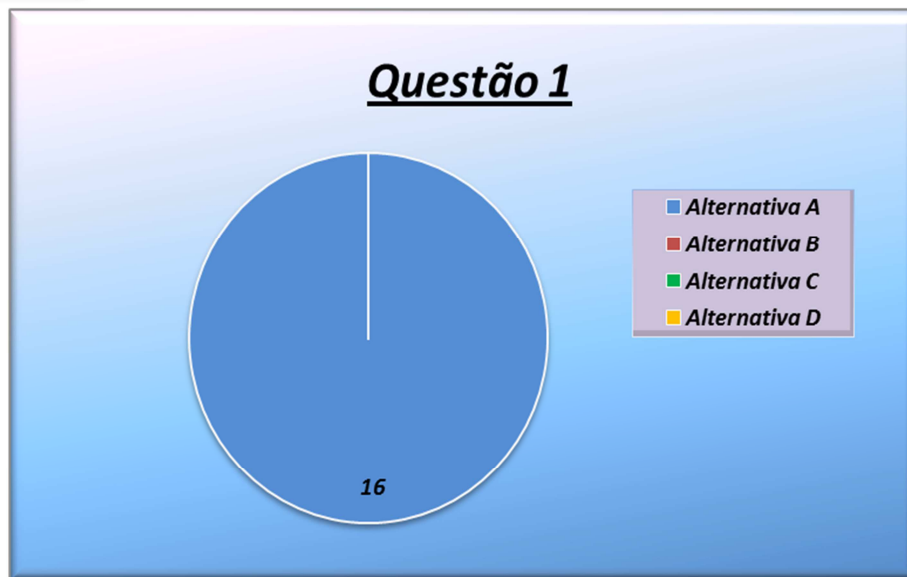
Enquanto houve o desenvolvimento da análise do poema, os estudantes participaram ativamente, fazendo vários questionamentos sobre as dúvidas que foram surgindo ao longo do processo. Durante a realização das atividades, tiveram dúvidas em relação à questão da modernidade do poema e, também, quanto às imagens poéticas utilizadas. Diante dessas dúvidas, nós voltamos ao poema juntamente com a sala, para, assim, explicarmos novamente algumas características presentes no “Dispersão”. Todos os estudantes realizaram as atividades propostas e não houve nenhuma ocorrência durante a aula.

Assim, após a análise, como dissemos, foi aplicado o segundo questionário em que a primeira parte foi:

1) Agora que você já conhece o poema, assinale a alternativa que melhor representa o seu conteúdo:

- a) O poema trata da vida do autor Mário de Sá-Carneiro, revelando que ela é um labirinto disperso, devido ao fato de que ele se encontra perdido.
- b) O poema fala de como se perder em um labirinto e não conseguir encontrar o caminho para sair dele, o que causa a sensação de angústia e desespero.
- c) No poema, o eu lírico retrata a busca da sua autoidentidade, por meio de imagens como a do labirinto, revelando, assim, a constatação do vazio de sua existência.
- d) No poema, o eu-lírico mostra a angústia que sente devido à ausência de sua companheira, que partiu e nunca mais deu a ele domingos felizes em família.

Nessa questão, os alunos chegaram ao seguinte resultado:



Notamos que todos os estudantes assinalaram uma mesma alternativa (letra a), afirmando que o conteúdo do poema trata sobre a vida do autor, contudo a alternativa que deveria ter sido assinalada era a letra c, pois o poema retrata a busca do eu-lírico pela autoidentidade, e o labirinto se constitui como imagem disto. A resposta revela uma certa limitação, nos mostrando a dificuldade que eles tiveram em abstrair as imagens, as quais pertencem ao plano abstrato e, assim, os alunos relacionaram o labirinto ao sentido denotativo da palavra.

Acreditamos que os estudantes tiveram dificuldades de distinguir o poeta enquanto pessoa do eu-poético, devido à identificação com o tema, pois trata-se da busca pela autoidentidade, algo muito comum entre eles, daí talvez, tenham sido levados por essa identificação.

A segunda questão da atividade abordou os aspectos formais do texto:

2) Leia os fragmentos a seguir e, em seguida, descreva a forma do poema:

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudade de mim

[...]

A grande ave doirada
Bateu asas para os céus,
Mas fechou-as saciada
Ao ver que ganhava os céus.

a) esquema de rimas: _____

b) quantidade de sílabas poéticas: _____

c) tipo de estrofe: _____

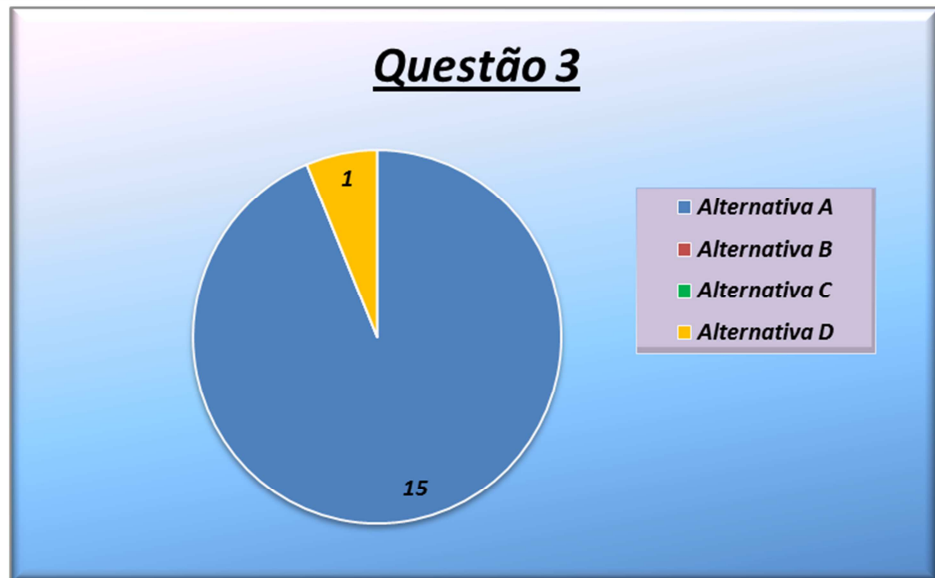
Em relação ao esquema de rimas, 15 estudantes chegaram à resposta correta, em que a rima oscila entre ABBA e ABAB, sendo que 1 aluno colocou que o esquema de rimas era “redondilhos”, confundindo, assim, rimas e métrica dos versos. Sobre as sílabas poéticas, 12 estudantes responderam que o poema é composto por 7 sílabas, sendo heptassílabos, também, houve 2 alunos que afirmaram que o poema tem 8 sílabas poéticas e 1 que colocou 64 sílabas poéticas. E, sobre o tipo de estrofes, 15 alunos conseguiram perceber que o texto tem uma estrutura regular, composta por estrofes de quatro versos (quadras) e 1 estudante não soube responder a essa questão.

Na questão 3:

3) Observe que, ao longo de todo o texto, há palavras que se repetem. Grife essas palavras com caneta colorida. Após marcar as palavras, identifique a alternativa que melhor explica por que essas repetições ocorrem no poema.

- a) as repetições dão ritmo ao texto criando uma imagem circular, labiríntica, para o leitor.
- b) as repetições dão ritmo ao texto, contudo elas não estão relacionadas ao conteúdo do poema.
- c) as repetições criam rimas ao longo de todo o texto, porém não dão ritmo ao poema.
- d) as repetições criam rimas e um efeito visual no texto, contudo elas não influenciam no sentido do poema.

Tivemos os seguintes resultados:



Notamos que a maioria dos alunos assinalaram a alternativa a, afirmando que as repetições dão ritmo ao texto, criando uma imagem circular, labiríntica. Apenas 1 aluno assinalou a alternativa d, que não relacionava as repetições ao sentido do texto. Dessa maneira, notamos que os estudantes entenderam o motivo do uso de termos repetidos, empregados para criar o efeito espiralado no poema.

Na questão quatro, apresentamos aos alunos o poema “Trova” de Sá de Miranda, que foi lido e analisado com eles durante as explicações que fizemos conforme a análise descrita no capítulo 3 deste trabalho. Assim, na quarta pergunta, os estudantes deveriam assinalar a alternativa que melhor representasse as semelhanças entre o texto “Trova” e o poema “Dispersão”:

Leia atentamente o poema abaixo:

Trova

Francisco Sá de Miranda

Comigo me desavim,
Sou posto em todo perigo,
Não posso viver comigo
Nem posso fugir de mim.

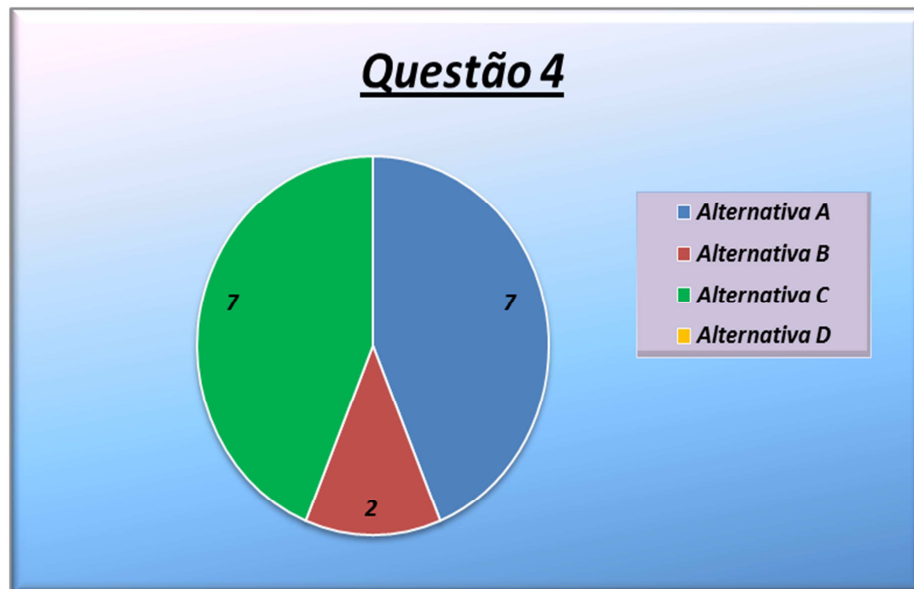
Com dor da gente fugia
Antes que esta assim crescesse,
Agora já fugiria
De mim, se de mim pudesse.
Que meio espero ou que fim
Do vão trabalho que sigo,

Pois que trago a mim comigo
Tamanho inimigo de mim?

Desavir: Pôr(-se) em desavença; indispor(-se); brigar.

4) Como você pode perceber, embora sejam textos de épocas muito distantes, os poemas "Trova" e "Dispersão" apresentam algumas semelhanças entre si, tanto na forma quanto no tema. Assinale a alternativa que melhor descreve essas semelhanças:

- a) Quanto à forma, ambos os poemas apresentam versos heptassílabos (ou redondilhos maiores) e, nas quadras, esquema de rimas em ABBA CDCD ABBA; quanto ao conteúdo, ambos tratam do desentendimento do eu-lírico consigo mesmo.
- b) Quanto à forma, ambos os poemas apresentam versos heptassílabos (ou redondilhos maiores) e, nas quadras, esquema de rimas em ABBA; quanto ao conteúdo, ambos tratam da busca do eu-lírico pela própria identidade.
- c) Quanto à forma, ambos os poemas apresentam um emprego de versos livres e de versos heptassílabos (ou redondilhos maiores) e, nas quadras, esquema de rimas em ABBA ABAB; quanto ao conteúdo, ambos criam, sobre o eu-lírico, uma imagem circular e labiríntica.
- d) Quanto à forma, ambos os poemas apresentam um emprego de versos heptassílabos (ou redondilhos maiores) e, nas quadras, esquema de rimas em ABBA; quanto ao conteúdo, ambos criam imagens circulares e labirínticas que representam o processo de busca ou de entendimento do eu-lírico ao voltar-se para si mesmo.



Nessa questão, os alunos tiveram muitas dúvidas e dificuldades, sendo que nenhum conseguiu chegar à resposta correta, ninguém assinalou a alternativa “d”, que apontava o uso de versos heptassílabos, o esquema de rimas nas quadras e a questão do tema confluyente. A alternativa “a” se aproximava da resposta correta, mas o esquema de rimas apontado nela, não estava de acordo com um dos textos;

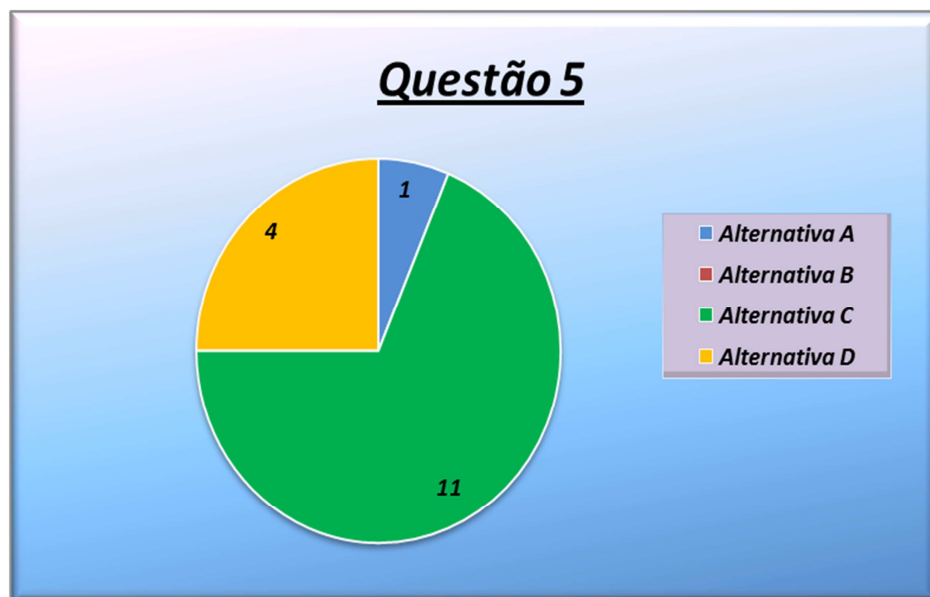
a alternativa “b”, também estava incorreta, devido ao tema relacionado ao texto de Sá de Miranda; e a alternativa “c” estava incorreta pois nenhum dos textos apresenta versos livres alternativa, os quais não poderiam aparecer simultaneamente. Assim, nós constatamos que, apesar das explicações, os estudantes têm dificuldades em diferenciar os tipos de versos (livres e redondilhos maiores) e a organização do esquema de rimas e, ainda, houve dificuldade no processo de abstração relacionado à temática.

A quinta questão se relaciona com a extrapolação das regras de sintaxe, por meio de que exploramos a construção de expressões compostas por verbos e pronomes reflexivos, como “me choro”, “me sumo” e “me sou”:

5) No poema “Dispersão”, as expressões “me choro”, “me sumo” e “me sou” soam estranhas ao leitor, pois os verbos chorar/sumir/ser não são pronominais. Então, esse desvio da norma gramatical foi empregado com qual objetivo pelo poeta?

- a) Para mostrar a importância que o eu-lírico atribui a si mesmo.
- b) Para manter a sonoridade e ritmo poéticos.
- c) Para causar um efeito pleonástico e revelar um diálogo do poeta com seu eu interior.
- d) Para enfatizar e expressar o conflito interno do eu-lírico, o que não seria tão efetivo em uma construção linguística usual.

As respostas dadas podem ser vistas abaixo:



Nessa questão, a alternativa correta era a letra “d”, mostrando que o uso da construção foi empregada para expressar o conflito interno do eu-lírico, o que

não seria tão efetivo em uma construção linguística usual. Apenas 4 estudantes chegaram à conclusão correta, enquanto a maioria dos alunos associou o uso dessas expressões ao efeito pleonástico, assinalando, assim, a alternativa “c”, o que revela uma compreensão bastante rasa do processo construtivo relacionado à sintaxe, embora esses aspectos tenham sido explicados ao longo da aula. Ainda houve 1 aluno que associou essa construção sintática à importância que o eu-lírico atribui a si mesmo.

Na questão seis, foi apresentado o conceito de imagem poética, baseado nos estudos de Paz (2012) e, em seguida, foi pedido que os estudantes retirassem do poema imagens que representassem o “sentir-se só”, o “sentir-se morto” e o “sentir-se perdido”:

Leia a definição a seguir para responder à questão 6:

IMAGEM POÉTICA: é toda forma verbal, frase ou conjunto de frases que o poeta utiliza para compor um poema. Essas imagens podem ser construídas a partir de comparações, símiles, metáforas, jogos de palavras, paronomásias, símbolos, alegorias, mitos, fábulas, etc. Todas elas têm em comum a característica de preservar a pluralidade de significados da palavra sem romper a unidade sintática da frase ou conjunto de frases.

6) Ao longo do texto, as imagens criadas pelo poeta reforçam as ideias/sentidos de solidão, morte e vazio. Quais são essas imagens? Retire do poema as imagens que melhor expressem:

SOLIDÃO	MORTE	ERRÂNCIA
(o eu-lírico sente-se só)	(o eu-lírico sente-se morte)	(o eu-lírico sentem-se perdido)

Em relação às imagens poéticas, os estudantes conseguiram chegar ao sentido das imagens presentes no poema. Assim, 4 estudantes relacionaram a solidão à ausência de uma gentil companheira e à saudade do que não foi vivenciado pelo eu-lírico; contudo, 7 alunos relacionaram a solidão com o “estar

perdido”, 4 estudantes viram a solidão como resultado da inconstância e 1 aluno associou a solidão à perda/morte da alma.

Nas imagens relacionadas à morte: 8 estudantes mencionaram os rolos de fumos pintados em azul-de agonia, 5 alunos perceberam que a morte está vinculada à perda da alma e da identidade, que levam o eu-lírico ao crepúsculo, 2 estudantes comentaram sobre a morte ser a dispersão total e 1 aluno mencionou a questão do sono outonal, que representa a morte.

E, ainda em relação às imagens poéticas, ao serem questionados sobre “sentir-se perdido”, 12 alunos mencionaram as imagens do labirinto, 1 estudante comentou sobre o eu-lírico estar preso ao ontem, 1 aluno falou sobre a questão de não se reconhecer, não ter a identidade e 2 estudantes relacionaram o sentir-se perdido com a perda da própria alma.

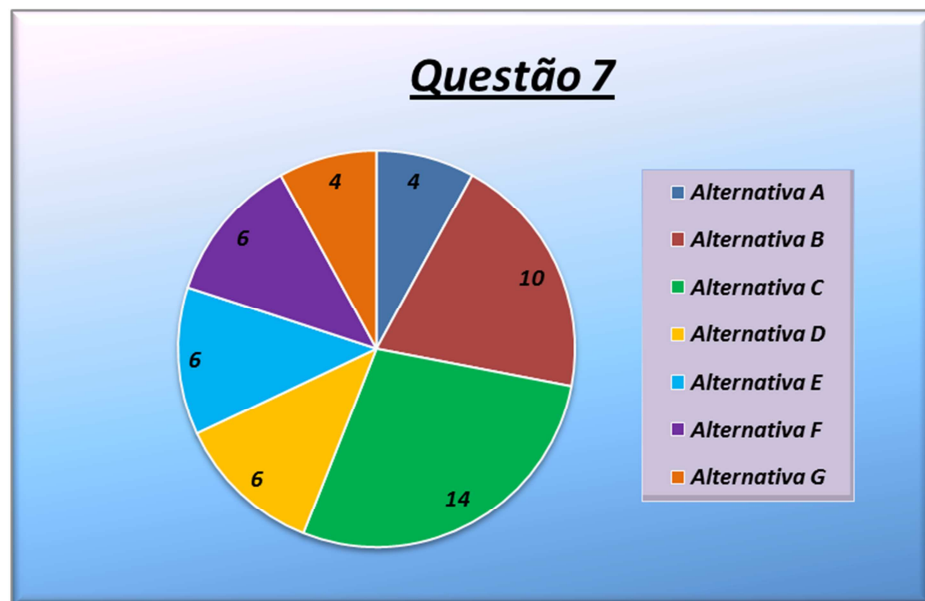
Portanto, ao relacionarem e destacarem as imagens poéticas, os alunos tiveram uma boa compreensão, sendo que a questão da solidão foi a que eles encontraram mais dificuldades para entender e mostrar a partir do poema, tendo 12 respostas incorretas. Já para o “sentir-se morto” não houve dificuldades e todos os alunos conseguiram apontar a questão da perda da identidade, morte da alma e a dispersão. Por fim, quanto ao “sentir-se perdido”, 14 alunos conseguiram relacionar à imagem do labirinto que prende o eu-lírico ao passado, impedindo-o de vivenciar o momento. Assim, notamos que os alunos conseguiram identificar e relacionar as imagens poéticas a seu significado, por isso, tiveram um bom desempenho.

Na sequência, a sétima pergunta, voltava-se para os aspectos modernos do poema “Dispersão”:

7) Tendo em vista que o poema “Dispersão” se insere no período Modernista, assinale quais são os traços de modernidade que você pôde perceber nele (aqui você poderá marcar mais de uma alternativa):

- a) uso de versos livres.
- b) uso de versos redondilhos.
- c) tema da solidão, dispersão, do eu labiríntico e fragmentado.
- d) presença de esquema de rimas.
- e) linguagem e organização sintática que rompem com a norma gramatical.
- f) uso frequente de imagens poéticas para expressar a sua angústia.
- g) caráter autobiográfico.

Nessa questão tivemos os seguintes resultados:



Como podemos perceber, os estudantes poderiam assinalar mais de uma alternativa. Contudo eles não souberam identificar corretamente as características de modernidade presentes no texto, pois ninguém conseguiu identificar simultaneamente os três traços corretos que seriam: alternativa “c” – tema de solidão, dispersão, do eu labiríntico e fragmentado; alternativa “e” – linguagem e organização sintática que rompem com a norma gramatical; alternativa “f” – uso frequente de imagens poéticas para expressar suas angústias.

Muitos alunos, apontaram que a modernidade estava relacionada com a questão estrutural seguida por Mário de Sá-Carneiro, assim, eles mencionaram a presença de versos redondilhos e esquema de rimas. Houve, ainda, 4 estudantes que apontaram que o poema tem um caráter autobiográfico e 4 alunos que mencionaram a presença de versos livres.

Dessa maneira, chegamos à conclusão que, de maneira geral, os estudantes não conseguiram identificar os traços modernos do texto e, assim, como ocorreu na terceira questão da atividade, eles têm dificuldades em entender a diferença entre o que são versos livres e redondilhos, causando dificuldade de se chegar à resposta correta. Percebemos, a partir dessas respostas, que eles não conseguiram notar a questão da intertextualidade entre o texto de Sá-Carneiro e o

do Sá de Miranda, pois não compreenderam que o poeta moderno mimetizou o aspecto estrutural do poema “Trova”, utilizando-o no “Dispersão”, ao mesmo tempo que atribuiu traços modernos, como a ruptura com as regras tradicionais da sintaxe e o uso recorrente de cores e imagens poéticas.

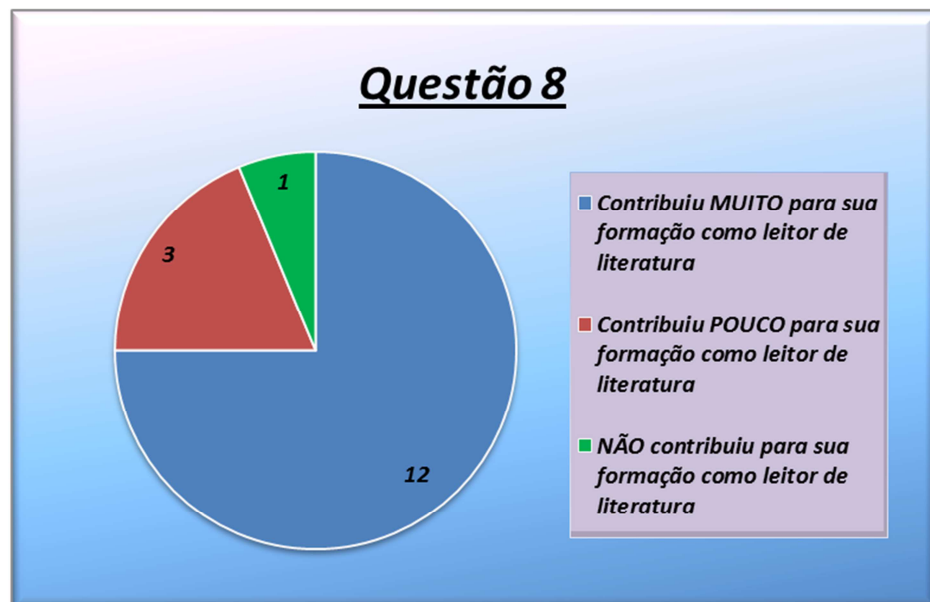
Por fim, as oitava e nona questões, voltaram-se para as reflexões sobre a contribuição de se estudar um autor e poema da Literatura Portuguesa, e, após responder, deveriam contar como foi a experiência de ler o poema “Dispersão” e o que aprenderam, sentiram e descobriram por meio dessa experiência:

8) Você acredita que estudar um autor e um poema de Literatura Portuguesa:

- () contribuiu MUITO para sua formação como leitor de literatura;
- () contribuiu POUCO para sua formação como leitor de literatura;
- () NÃO contribuiu para sua formação como leitor de literatura.

Conte, então, como foi ler e analisar o poema "Dispersão" dizendo o que você aprendeu, sentiu e descobriu por meio dessa experiência:

Após analisarmos as respostas, notamos que os alunos afirmam que o estudo do poema contribuiu para a formação deles, conforme o gráfico:



Observamos nessa questão, que, dentre os estudantes, a maioria (12 alunos) afirmou que o estudo de um autor e um poema de Literatura Portuguesa contribuiu muito para sua formação como leitor de literatura. Dentre os motivos dados, eles apontaram que devido a essa experiência eles aprenderam as

características do Modernismo Português, como identificar e analisar um poema, tanto em relação à estrutura (contagem de sílabas poéticas, esquemas de rimas e organização de estrofes), quanto em relação ao plano de conteúdo, visto que o tema sobre a busca pela autoidentidade provocou reflexões e fez com que se identificassem. Além disso, alguns adolescentes mencionaram a importância de se estudar a Literatura para compreender melhor esse tipo de texto e poder usar isso no futuro em situações escolares e exames para vestibulares, pois eles afirmam ter aprendido coisas novas e ter revisto conteúdos já estudados, mas que haviam sido esquecidos. Apenas um aluno, que assinalou essa opção, não escreveu nada para contar sobre a experiência vivenciada.

Entre aqueles que responderam que o estudo e leitura do poema contribui pouco para a formação como leitor de literatura, dois alunos mencionaram que foi um texto difícil de analisar, pois eles não têm muito contato com poesia, mas gostaram de ver que o tema sobre a questão da perda e da autoidentidade pode ser tema de textos literários. E um aluno não fez o comentário, deixando em branco a resposta.

O estudante que disse que estudar e ler o poema não contribuiu em sua formação como leitor de literatura, apenas disse que se identificou com o tema, mas não acrescentou nenhum comentário.

Assim, após analisar e ler todas as respostas, nós constatamos que o estudo de Literatura Portuguesa e, especialmente, leitura e análise de poemas não é uma prática comum entre os estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e, por esse motivo, em muitos momentos, eles possuem dúvidas e questionamentos, causando uma defasagem no nível de compreensão, em relação aos aspectos formais do texto, entre o poema e o período em que ele está inserido e sobretudo quando se trata da relação entre o plano de expressão e de conteúdo. No entanto, isso não impediu que eles conseguissem identificar algumas características do texto lírico.

De acordo com os estudantes, ter tido a oportunidade de entrar em contato com um texto que não conheciam, de origem portuguesa e pertencente ao gênero lírico, acrescentou conhecimentos em relação à estruturação, organização e descoberta de múltiplos sentidos que o texto literário pode trazer. Além disso, percebemos que o tema trabalhado por meio do poema em sala de aula atingiu aos

adolescentes, pois eles passam, nessa fase, pela autodescoberta, pela busca e definição de identidade, o que, muitas vezes, pode provocar angústias e fazer com que se sintam perdidos.

É válido ressaltar que, durante a exposição oral e análise conjunta do poema, os alunos conseguiram apontar os aspectos modernos, tais como construções sintáticas, uso frequente de imagens poéticas e o tema retratado, que é universal. Ainda notamos que eles perceberam que a construção formal empregada por Mário de Sá-Carneiro se aproxima do que era proposto pelos poetas do passado e, especificadamente, com o texto “Trova”, de Francisco Sá de Miranda. No entanto, quando foi necessário que os estudantes transpusessem as discussões orais para a forma escrita, houveram respostas distintas das apresentadas no momento da explicação, o que nos faz pensar sobre a seguinte questão: eles apenas não souberam como formalizar a resposta ou eles tiveram dificuldades em acessar o sentido das questões?

Após todo o desenvolvimento da atividade, acreditamos que devido ao pouco contato com a análise de textos literários, os estudantes não conseguem elaborar um pensamento crítico e formalizá-lo de forma concreta, por meio da escrita, enquanto, através da oralidade, eles conseguem expressar suas ideias e compreensões sobre o texto.

Por todos esses motivos mencionados, nós ressaltamos a importância de investir no estudo de literatura ainda nos primeiros anos do Ensino Fundamental, para que, quando esses alunos chegarem ao Ensino Médio, não se deparem com algo totalmente novo e que pareça a eles de difícil acesso. E, ainda, destacamos que é essencial os professores de Língua Portuguesa e Literatura trabalhem os mais diversos gêneros e textos literários com os alunos, provocando o desenvolvimento de uma leitura crítica e, conseqüentemente, a capacidade de analisar os poemas e demais textos de forma que vejam os diferentes aspectos presentes neles que englobem os estratos ótico, fônico, morfossintático e semântico, permitindo-lhes relacionar o plano formal e de conteúdo na construção da obra literária.

5 Conclusão

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi elaborar um planejamento de atividades didático-pedagógicas sobre o poema "Dispersão" do

poeta português modernista, Mário de Sá-Carneiro, com o intuito de propor uma leitura analítica, que aplicamos em sala de aula do terceiro ano do Ensino Médio, a fim de verificar a capacidade dos estudantes de relacionar os aspectos de forma e ao conteúdo dos textos selecionados e trabalhados, a fim de que eles percebessem que o sentido se constrói a partir do plano formal (sons, ritmo, escolhas morfosintáticas e construção de imagens). Além disso, tivemos o intuito de sensibilizá-los, direcionando os olhares, para que eles percebessem a beleza da linguagem artística, literária e a relevância de se estudar e ler textos literários, pois é através deles que conseguimos desenvolver e formular ideias e pensamento críticos sobre os mais variados assuntos.

Optamos por estudar este autor não só por se tratar de um poeta não tão conhecido dos estudantes do Ensino Médio, mas, também, devido à sua representatividade no período Modernista e, também, devido a seus temas frequentes tratarem sobre a busca da identidade, o que é algo comum entre os adolescentes. Assim, através das atividades em sala de aula, analisamos, além do nível de apreensão formal e de conteúdo, a relevância de se estudar Literatura Portuguesa na escola durante o Ensino Médio.

Além disso, ao pensarmos na elaboração de uma metodologia para ser desenvolvida em sala, buscamos encontrar e explicitar os caminhos que trilhamos, que podem ser um guia para o desenvolvimento de demais trabalhos com textos literários, visto que, ao realizarmos essa pesquisa, constatamos que é necessário estimular a leitura de literatura, pois é a partir desse trabalho que conseguiremos formar leitores críticos, que serão capazes de se voltar, simultaneamente, para suas questões interiores e para o mundo que os cerca.

Para conseguirmos atingir os objetivos propostos, realizamos uma abordagem sobre o período modernista em Portugal, e suas principais características, como a ruptura com os períodos literários anteriores e tendências, explicitando a presença das vanguardas, como o Cubismo e o Futurismo, além de tratar os aspectos presentes na obra de Mário de Sá-Carneiro que pertencem à estética Simbolista.

Também realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o autor trabalhado, Mário de Sá-Carneiro, que teve uma vida bastante conturbada. Além disso, percebemos que a relação de amizade entre ele e o poeta Fernando Pessoa

influenciou a sua obra, contudo ambos possuem estilos distintos, em que o primeiro se volta para a fragmentação do seu próprio ser e o segundo mostra os vários "eus" que existem dentro de si através dos heterônimos.

Ainda estudamos as principais características de suas obras, especificamente, o poema "Dispersão" que foi o *corpus* escolhido para o desenvolvimento deste trabalho, o qual mostra a fragmentação do eu, a partir da dispersão do sujeito-lírico no texto. Durante a análise do poema, observamos que Sá-Carneiro utiliza em sua obra *Dispersão* estrutura da lírica tradicional, principalmente, no poema que analisamos, pois ele é composto por quadras e os versos são regulares, contendo sete sílabas poéticas.

No entanto, a modernidade manifesta-se por meio do uso de aspectos inovadores, como a transgressão da sintaxe, ao usar pronomes reflexivos de maneira incomum, ao utilizar tempos verbais que não pertencem à composição de um texto lírico e, também, à maneira como vai mostrando, através do texto, o processo de dispersão, por meio da utilização de imagens e cores, para representara queda no abismo do eu interior e, conseqüentemente, a dissipação do ser, que ao chegar ao ápice, é simbolizada pela ausência de palavras, que dão lugar às reticências. E, ainda, há a questão do tema, pois a busca pela autodescoberta é algo característico dos autores pertencentes ao período Moderno

Podemos observar, também, que a fragmentação do sujeito e a busca pela identidade dos múltiplos "eus" é uma temática recorrente na obra deste autor, o que dialoga com outros autores que se inserem em diferentes períodos literários, pois o tema relacionado ao desentendimento interior é frequente, como ocorre em Francisco Sá de Miranda, um escritor da lírica tradicional que se utiliza do tema sobre os conflitos internos em seu poema "Trova". Por esse motivo, escolhemos este texto para ilustrar que a temática encontrada no poema "Dispersão" é universal, podendo atingir a todos em qualquer tempo. Além disso, notamos que Sá-Carneiro mimetizou em seu poema "Dispersão" os aspectos estruturais do texto de Sá de Miranda, que, mesmo sendo composto por uma quadra e uma estrofe com oito versos, o esquema de rimas é semelhante ao "Dispersão", pois ambos têm as rimas ABBA ABAB ABBA, dispostas em quadras e possuem sete sílabas poéticas, além de possuírem uma mesma sonoridade rítmica que alterna em sons longos e breves com rimas em /im/.

Por fim, realizamos a pesquisa de campo e análise dos resultados que obtivemos a partir das atividades desenvolvidas em sala de aula do terceiro ano do Ensino Médio, que foi realizada em uma instituição da rede pública da cidade de Franca/SP, por meio de uma atividade didático-pedagógica, que foi desenvolvida em duas etapas.

A primeira etapa teve como objetivo, sensibilizar os alunos sobre a importância de se estudar literatura na escola; discutir sobre os principais aspectos do modernismo em Portugal e no Brasil e relatar a vida e obra do poeta Mário de Sá-Carneiro, dando ênfase à obra *Dispersão*. Em seguida, apresentamos aos estudantes o poema "Dispersão" para uma primeira leitura antes da análise. Após isso, entregamos o questionário 1, com o intuito de analisar a reação e o entendimento de cada aluno ao ler pela primeira vez o poema "Dispersão", o que nos fez constatar que era algo novo e que eles possuem dificuldades em interpretar um texto do gênero lírico, especialmente, quando pedimos para explicarem a modernidade do texto.

A segunda etapa teve como objetivo realizar a análise do poema, juntamente com os estudantes, apontando todos os aspectos estruturais e sentidos que o texto possui. No entanto, notamos, ao analisar o segundo questionário, a dificuldade que os estudantes possuem em extrair um assunto mais complexo, que é visto por eles como algo abstrato, assim, ao observar a forma e conteúdo do texto, percebemos que eles não conseguiram conectar o plano formal ao plano de sentido.

Além do mais, ao ler e analisar todas as respostas escritas no primeiro e segundo questionários, notamos que os estudantes conseguiram compreender de forma satisfatória o tema do poema, os aspectos tratados pelo eu-lírico e as imagens poéticas presentes no texto. Contudo, quando se aborda o plano estrutural do "Dispersão", também, verificamos que não conseguiram descrever de maneira clara os aspectos formais empregados ao longo do poema e, ainda, percebemos que eles não souberam relacionar o que é característico da modernidade e o que aproxima o texto da lírica tradicional, devido à falta de experiências e subsídios anteriores.

Em suma, os resultados atingidos pelos estudantes levaram-nos a constatar que é necessário o desenvolvimento mais intenso e frequente do estudo de autores e textos literários, principalmente poéticos, visto que, atualmente, há uma

defasagem nesse âmbito. Acreditamos que esse fato ocorre devido ao pouco contato que eles têm ao longo de sua formação escolar com esse gênero textual.

Visto isso, destacamos a importância e a necessidade de trazer para a realidade dos alunos o contato efetivo com a literatura desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, para que cheguem ao Ensino Médio preparados e sensibilizados para a leitura de literatura, o que, espera-se, possibilite a realização de análises mais densas e críticas, fazendo com que o estudante seja capaz de refletir e internalizar os conhecimentos obtidos, melhorando, assim, o seu desempenho intelectual e sua formação como leitor.

Assim, o que tem ocorrido no ensino de literatura é uma prática de leitura e análises cada vez mais superficiais e, em muitos casos, escassas, visto que muitos professores não abordam em sala de aula temas mais profundos, que exigem uma análise bem elaborada e, conseqüentemente, uma dedicação maior de tempo. Por esse motivo, os estudantes, cada vez mais, possuem dificuldades e falta de interesse pela leitura de textos literários e, quando se trata de analisar essas obras, com o intuito de encontrar a pluralidade de sentidos e relacioná-las aos aspectos formais, nos deparamos com alunos que não possuem os subsídios necessários para se trabalhar de maneira eficaz, especialmente, quando se tratam de poemas.

Dessa maneira, é necessário que o professor, primeiramente, trabalhe com a contextualização do período a ser estudado, bem como explicitar os fatos relevantes sobre a vida e obra do autor, a fim de proporcionar aos estudantes as bases e subsídios primordiais para que haja a compreensão e autonomia analítica sobre os mais diversos textos, períodos e gêneros literários.

Portanto, nós chegamos à conclusão de que essa pesquisa contribuiu para que pudéssemos analisar a importância e necessidade de se trabalhar a leitura de literatura, pois é através dela que o ser consegue ampliar os seus conhecimentos, desenvolvendo a capacidade de pensar e refletir criticamente sobre aquilo que lê. Também é por meio da literatura que as pessoas encontram o alimento para a sua alma, visto que ela caminha junto com os acontecimentos históricos da sociedade e, mesmo que nela não esteja presente o real empírico, é por meio da verossimilhança que se constrói o plano de fundo da obra literária.

Assim, não podemos separar o mundo que vivemos e o mundo literário, da mesma maneira que não é possível dissociar o pensamento e a vida, pois pensar é respirar, é perder o folego, é criar e recriar, é fazer com que aflore no homem a sensibilidade e a capacidade de refletir sobre o eu e o outro e sobre o estar no mundo. E, para que haja o desenvolvimento pleno do pensamento é necessário que realizemos leituras que nos ajudem a desvendar os vários mistérios que existem dentro do próprio eu.

E, na obra de Sá-Carneiro, é exatamente isso que encontramos, textos capazes de nos despertar para o questionamento da nossa existência, como ser único e individual, e, principalmente, no poema “Dispersão” percebemos que as imagens produzidas a partir de referenciais do mundo exterior podem revelar os conflitos internos, os quais podem ser aliviados e amenizados através da leitura de literatura. Assim, trabalhar textos literários com os estudantes na escola é essencial, pois é através da leitura que muitos desses adolescentes conseguem se encontrar, por meio da identificação com a temática adotada em muitas das obras da literatura.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

BERARDINELLI, Cleonice. **Nossos clássicos: Mário de Sá-Carneiro**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. **Antologia Mário de Sá-Carneiro**. Rio de Janeiro: Editora de Janeiro, 2015.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

CAMPOS, Maria Elvira Brito; OLIVEIRA, Luizir de. **Do existencialismo em Mário de Sá-carneiro: uma breve visada sobre “dispersão”, “além tédio”, “serradura” e “fim”**. *Itinerários Araraquara*, n. 34, p.171-188, jan./jun. 2012.

CHEVALIER, Gean; GHEEBRANT Alain. **Dicionário símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução Vera da Costa Silva. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

GUELFY, Maria Lúcia F. **Introdução à análise de poemas**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa. Imprensa Universitária. (s.d.).

KOCH, IngendoreGrufeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário de português**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. **A literatura portuguesa através dos textos**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

_____. **A literatura portuguesa através dos textos**. 29. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. **O conto português**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. (Orgs.). **A literatura portuguesa em perspectiva**. São Paulo: Atlas, 1993.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. **Intertextualidade: teoria e prática**. 6. ed. São Paulo: Formato, 2005.

PAZ, Octávio. **A revelação poética. O arco e a lira. O poema**. Poesia e história. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PESSOA, Fernando. **O eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

PRADO, Márcio Roberto do. O outro, a posse e o quase. In: **BOLETIM: Centro de estudos portugueses**. Araraquara: UNESP, v.9, n. 17/18, p.157-169, jan/dez 2000.

REIS, Carlos. **Literatura portuguesa moderna e contemporânea**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SÁ-CARNEIRO, Mário. **Dispersão**. Domínio Público, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000005.pdf>>. Acesso em 15 mai. 2016, 16:24:33.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 17. ed. Portugal: Porto, 2005.



“PERDI-ME DENTRO DE MIM...”: encontro com Mário de Sá-
Carneiro em sala de aula

APÊNDICE A QUESTIONÁRIO 1

Uni-FACEF
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Escola:

Data: //

Após ler o poema "Dispersão", responda:

1 – Você acha que o entendeu:

- () mais ou menos.
- () bem.
- () muito bem.
- () não entendeu nada.

2 – Escreva com suas palavras o que você acredita ter entendido:

3 – Você acha que o poema do Mário de Sá-Carneiro é moderno?

- () Sim.
- () Não.
- () Não sei dizer.

Justifique:

APÊNDICE B
QUESTIONÁRIO 2

Uni-FACEF
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Escola:

Data: / /

1) Agora que você já conhece o poema, assinale a alternativa que melhor represente o seu conteúdo:

- a) O poema trata da vida do autor Mário de Sá-Carneiro, revelando que ela é um labirinto disperso, devido ao fato de que ele se encontra perdido.
- b) O poema fala de como se perder em um labirinto e não conseguir encontrar o caminho para sair dele, o que causa a sensação de angústia e desespero.
- c) No poema, o eu lírico retrata a busca da sua autoidentidade, por meio de imagens como a do labirinto, revelando, assim, a constatação do vazio de sua existência.
- d) No poema, o eu-lírico mostra a angústia que sente devido à ausência de sua companheira, que partiu e nunca mais deu a ele domingos felizes em família.

2) Leia os fragmentos a seguir e, em seguida, descreva a forma do poema:

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudade de mim

[...]

A grande ave doirada
Bateu asas para os céus,
Mas fechou-as saciada
Ao ver que ganhava os céus.

- a) esquema de rimas: _____
- b) quantidade de sílabas poéticas: _____
- c) tipo de estrofe: _____

3) Observe que, ao longo de todo o texto, há palavras que se repetem. Grife essas palavras com caneta colorida.

Após marcar as palavras, identifique a alternativa que melhor explica por que essas repetições ocorrem no poema:

- a) as repetições dão ritmo ao texto criando uma imagem circular, labiríntica, para o leitor.
- b) as repetições dão ritmo ao texto, contudo elas não estão relacionadas ao conteúdo do poema.
- c) as repetições criam rimas ao longo de todo o texto, porém não dão ritmo ao poema.
- d) as repetições criam rimas e um efeito visual no texto, contudo elas não influenciam no sentido do poema.

Leia atentamente o poema abaixo:

Trova

Francisco Sá de Miranda

Comigo me desavim,
Sou posto em todo perigo,
Não posso viver comigo
Nem posso fugir de mim.

Com dor da gente fugia
Antes que esta assim crescesse,
Agora já fugiria
De mim, se de mim pudesse.
Que meio espero ou que fim
Do vão trabalho que sigo,
Pois que trago a mim comigo
Tamanho inimigo de mim?

Desavir: Pôr(-se) em desavença; indispor(-se); brigar.

4) Como você pode perceber, embora sejam textos de épocas muito distantes, os poemas "Trova" e "Dispersão" apresentam algumas semelhanças entre si, tanto na forma quanto no tema. Assinale a alternativa que melhor descreve essas semelhanças:

- a) Quanto à forma, ambos os poemas apresentam versos heptassílabos (ou redondilhos maiores) e, nas quadras, esquema de rimas em ABBA CDCD ABBA; quanto ao conteúdo, ambos tratam do desentendimento do eu-lírico consigo mesmo.
- b) Quanto à forma, ambos os poemas apresentam versos heptassílabos (ou redondilhos maiores) e, nas quadras, esquema de rimas em ABBA; quanto ao conteúdo, ambos tratam da busca do eu-lírico pela própria identidade.
- c) Quanto à forma, ambos os poemas apresentam um emprego de versos livres e de versos heptassílabos (ou redondilhos maiores) e, nas quadras, esquema de rimas em ABBA ABAB; quanto ao conteúdo, ambos criam, sobre o eu-lírico, uma imagem circular e labiríntica.
- d) Quanto à forma, ambos os poemas apresentam um emprego de versos heptassílabos (ou redondilhos maiores) e, nas quadras, esquema de rimas em ABBA; quanto ao conteúdo, ambos criam imagens circulares e labirínticas que representam o processo de busca ou de entendimento do eu-lírico ao voltar-se para si mesmo.

5) No poema "Dispersão", as expressões "me choro", "me sumo" e "me sou" soam estranhas ao leitor, pois os verbos chorar/sumir/ser não são pronominais. Então, esse desvio da norma gramatical foi empregado com qual objetivo pelo poeta?

- a) Para mostrar a importância que o eu-lírico atribui a si mesmo.

- b) Para manter a sonoridade e ritmo poéticos.
- c) Para causar um efeito pleonástico e revelar um diálogo do poeta com seu eu interior.
- d) Para enfatizar e expressar o conflito interno do eu-lírico, o que não seria tão efetivo em uma construção linguística usual.

Leia a definição a seguir para responder à questão 6:

IMAGEM POÉTICA: é toda forma verbal, frase ou conjunto de frases que o poeta utiliza para compor um poema. Essas imagens podem ser construídas a partir de comparações, símiles, metáforas, jogos de palavras, paronomásias, símbolos, alegorias, mitos, fábulas, etc. Todas elas têm em comum a característica de preservar a pluralidade de significados da palavra sem romper a unidade sintática da frase ou conjunto de frases.

- 6) Ao longo do texto, as imagens criadas pelo poeta reforçam as ideias/sentidos de solidão, morte e vazio. Quais são essas imagens? Retire do poema as imagens que melhor expressem:**

SOLIDÃO (o eu-lírico sente-se só)	MORTE (o eu-lírico sente-se morto)	ERRÂNCIA (o eu-lírico sente-se perdido)

- 7) Tendo em vista que o poema “Dispersão” se insere no período Modernista, assinale quais são os traços de modernidade que você pôde perceber nele (aqui você poderá marcar mais de uma alternativa):**

- a) uso de versos livres.
- b) uso de versos redondilhos.
- c) tema da solidão, dispersão, do eu labiríntico e fragmentado.
- d) presença de esquema de rimas.
- e) linguagem e organização sintática que rompem com a norma gramatical.
- f) uso frequente de imagens poéticas para expressar a sua angústia.
- g) caráter autobiográfico.



FALEIROS, M. O.; FERREIRA, G.B. ; SOUSA, R. D.

8) Você acredita que estudar um autor e um poema de Literatura Portuguesa:

- () contribuiu MUITO para sua formação como leitor de literatura;
- () contribuiu POUCO para sua formação como leitor de literatura;
- () NÃO contribuiu para sua formação como leitor de literatura.

Conte, então, como foi ler e analisar o poema "Dispersão" dizendo o que você aprendeu, sentiu e descobriu por meio dessa experiência:
